



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS LICENCIATURA - DIURNO

Emmanuel Ricardo da Luz Sousa

Entre desígnios e metamorfoses:

A importância do PIBID Biologia na formação docente.

Florianópolis

2023

Emmanuel Ricardo da Luz Sousa

Entre desígnios e metamorfoses –

A importância do PIBID Biologia na formação docente.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Campus Reitor João David Ferreira Lima da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis

2023

Sousa, Emmanuel Ricardo da Luz

Entre desígnios e metamorfoses : A importância do PIBID
Biologia na formação docente. / Emmanuel Ricardo da Luz Sousa ;
orientador, Leandro Belinaso Guimarães, 2023.
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas,
Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Jornada do herói. 3. Formação de
professores. 4. PIBID. I. Guimarães, Leandro Belinaso. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências
Biológicas. III. Título.

Emmanuel Ricardo da Luz Sousa

Entre desígnios e metamorfoses –
A importância do PIBID Biologia na formação docente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Local Florianópolis, 27 de novembro de 2023.



Coordenação do Curso

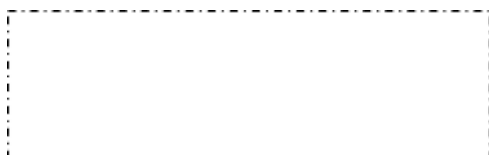
Banca examinadora



Prof., Dr. Leandro Belinaso Guimarães
Orientador



Prof., Dr. Eduardo Silveira



Prof.(a), Dr.(a) Narjara Zimmermann



Prof. Iago Weber Pitz

Florianópolis, 2023.

*“Do fundo do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior, ô
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor”
Emicida - Cananéia, Iguape e Ilha Comprida*

AGRADECIMENTOS

Existem diversas pessoas a quem eu sinto que deveria prestar agradecimentos por este trabalho. Vou iniciar com meus pais: Nailde e Marcelo, por me incentivarem a seguir no caminho dos estudos e cuidarem de mim durante toda essa trajetória. Por seu zelo, palavras de incentivo e repreensão nas vezes que senti que não pertencia ao local que estou hoje e em todas as vezes que questionei minhas próprias capacidades e aspirações. As minhas irmãs e minha avó, importantes figuras na minha escolha de cursar biologia e responsáveis por boa parte das escolhas que me tocaram com mudanças. Acredito que, sendo um homem negro, eu não estaria aqui se não fosse a presença de vocês.

Agradeço também aos meus colegas de escola e trabalho, em especial ao Ale, Arthur, Kuhnen e ao PATIFOU em geral, pelas trocas durante minha formação, os processos de escuta e as conversas sobre futuro que apenas adolescentes teriam naquela época. Prometo não me esquecer da fé que depositaram em mim nos momentos de revisão pré-prova e nos auxílios que me deram com disciplinas que eu tive dificuldade. O suporte de vocês teve um papel fundamental no meu letramento escolar e racial. Agradeço também a todas as minhas professoras: Joanete, Vânia, Vera, Fernanda e ao Leandro Belinaso, meu orientador, por não terem desistido de me manter no caminho correto e estarem sempre dispostos a sanar minhas dúvidas com gentileza, carinho e sua escuta sensível.

À Jana, Wilker, antiga AA AVL, Lauras (Santos e Grasel) e seus grupinhos, que foram os principais responsáveis por minhas reclamações na faculdade, bares, contatos e diversão, além de me incentivarem no que tange o PIBID. Agradeço também ao programa, seus bolsistas e coordenadores, em especial a Narjara, por me dar a oportunidade de me desenvolver e experienciar a docência desta forma.

Por fim, agradeço a principal responsável pela finalização deste trabalho: Caroline Mira, minha companheira. Sem seus puxões de orelha eu não teria escrito $\frac{1}{3}$ do que escrevi e, sem seu afeto, não viajaria 300km apenas para lhe dar um cheiro e desligar minha cabeça nos momentos de frustração. Nem todas as cartas de amor do mundo expressariam a admiração, desejo e afeto que sinto por ti. Você é meu suquinho de maracujá e me faz acreditar que símios amam.

RESUMO

A presente pesquisa coletou depoimentos de três ex-bolsistas do PIBID Biologia UFSC que atuaram no Programa ao longo do ano de 2019. A investigação analisa a importância da formação fornecida pelo PIBID na futura trajetória docente dos depoentes por meio da elaboração do Monomito, ou Jornada do Herói do escritor Joseph Campbell, sinalizando a existência de uma roda cíclica em acontecimentos das mais diversas histórias mitológicas ao passar dos anos. Além disso, o Trabalho examina narrativamente quais influências a passagem pelo PIBID Biologia ocasionou nos entrevistados. Isso é feito através de um processo de entrevistas na forma de gravação de áudio com ex-bolsistas do Programa PIBID Biologia UFSC, abordando três momentos distintos de sua história. O resultado é a criação de três narrativas, nas quais observa-se a importância do PIBID na trajetória dos sujeitos. Tais resultados, ao serem comparados a construção de arcos narrativos, mostrou que o Programa ampliou os horizontes docentes de forma positiva e foi uma excelente ferramenta de reflexão sobre a carreira docente.

Palavras-chave: Jornada do herói, Formação de professores, PIBID.

ABSTRACT

This research collected testimonies from three former PIBID Biologia UFSC fellows who worked in the Program throughout 2019. The investigation analyzes the importance of the training provided by PIBID in the future teaching career of the deponents through the preparation of the Monomyth, or Hero's Journey by writer Joseph Campbell, signaling the existence of a cyclical wheel in events from the most diverse mythological stories over the years. Furthermore, the Work narratively examines what influences the passage through PIBID Biology had on the interviewees. This is done through a process of interviews in the form of audio recording with former fellows of the UFSC PIBID Biology Program, covering three distinct moments in its history. The result is the creation of three narratives, in which the importance of PIBID in the subjects' trajectory is observed. Such results, when compared to the construction of narrative arcs, showed that the Program expanded teaching horizons in a positive way and was an excellent tool for reflection on the teaching career.

Keywords: Hero Journey, Teacher Education, PIBID.

SUMÁRIO

| | | |
|---------------|--|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. | DESENVOLVIMENTO | 7 |
| 2.1. | A ALMA – PIBID BIOLOGIA | 7 |
| 2.2. | OS OSSOS | 9 |
| 2.2.1. | Ato 1 - O Início | 12 |
| 2.2.2. | Ato 2 - A Iniciação | 13 |
| 2.2.3. | Ato 3 - O Desfecho | 14 |
| 2.3. | A CARNE | 15 |
| 2.4. | O SANGUE - OS SERES DE TRANSFORMAÇÃO | 19 |
| 2.4.1. | Primeiro estágio | 22 |
| 2.4.2. | Segundo estágio | 22 |
| 2.4.3. | Terceiro estágio | 23 |
| 2.5. | TRILHAS E TRANSMUTAÇÕES - ESTAMOS PREDESTINADOS AO NOSSO FUTURO? | 23 |
| 2.5.1. | Ato 01 | 23 |
| 2.5.1.1. | <i>Emmanuel:</i> | 23 |
| 2.5.1.2. | <i>Entrevistado 01:</i> | 25 |
| 2.5.1.3. | <i>Entrevistado 02:</i> | 28 |
| 2.5.1.4. | <i>Entrevistado 03:</i> | 30 |
| 2.5.2. | Ato 02 | 33 |
| 2.5.2.1. | <i>Emmanuel:</i> | 33 |
| 2.5.2.2. | <i>Entrevistado 01:</i> | 34 |
| 2.5.2.3. | <i>Entrevistado 02:</i> | 37 |
| 2.5.2.4. | <i>Entrevistado 03:</i> | 39 |
| 2.5.3. | Entre desígnios e metamorfoses - A terceira pessoa | 41 |
| 2.5.3.1. | <i>Entrevistado XX:</i> | 42 |
| 2.5.3.2. | <i>Entrevistado XY:</i> | 43 |
| 2.5.3.3. | <i>Entrevistado XA:</i> | 46 |
| 3. | O CAMINHANTE - CONCLUSÕES FINAIS | 47 |

1. INTRODUÇÃO

O nosso primeiro contato com um professor *costuma* ocorrer dentro de casa. Nossos pais ou gestores, *costumam* ser as primeiras pessoas que buscam nos ensinar algo, geralmente o básico da sobrevivência humana e o como se portar na maioria das situações que teremos contato durante o nosso desenvolvimento como indivíduos. Isso, entretanto, em um primeiro momento, não nos permite observar eles sob uma ótica que não seja a familiar ou nos prepara para sermos futuros professores ou educadores. Nossa caminhada, principalmente no que tange a parte educacional, *costuma* ser cheia de nuances, vontades e habilidades que nos diferenciam dos nossos semelhantes e na grande maioria das vezes, dos nossos pais.

A primeira professora que tenho recordação se chamava Jane, ela era uma das responsáveis por mim na creche em que estudei e me acompanhou em boa parte dos anos até a minha entrada na educação fundamental. Honestamente? Não tenho muitas recordações sobre as coisas *que fazíamos* nesses momentos, exceto por algumas apresentações de teatro *que fizemos* para nossas famílias. Lembro de algumas festinhas da creche e do meu antigo porco de pelúcia de estimação, chamado Alfredo, que um bom tempo depois minha mãe jogou fora dizendo que eu já era 'grandinho demais para ter um bicho feio como aquele'.

Ao entrar no ensino fundamental, minhas primeiras professoras foram a Joanete e a Vânia, que me acompanharam e ensinaram muito durante a primeira e a quarta série. Dentre os diversos momentos que guardo comigo, os que sempre me trazem recordações são dois em específico.

Com a Joanete, uma conversa que ela estava tendo com os alunos em sala de aula sobre questões financeiras dos professores e perguntando o quanto ganhávamos de mesada dos nossos pais, para darmos uma porcentagem a ela. Eu nunca ganhei mesada dos meus pais.

Com a Vânia, a reprimenda que ela me deu, isoladamente dos colegas, em um dia que tinha recebido a minha primeira advertência por não ter entregue o dever de casa, como ela havia solicitado e eu tinha esquecido (e jogado o papel pela janela de casa). Me recordo até hoje de nós sentados, conversando sobre isso e ela me explicando, de forma extremamente gentil e amorosa, o porquê isso tinha sido

errado da minha parte e como gostaria que isso não tornasse a se repetir outras vezes (e realmente não voltou a ocorrer até o ensino médio).

Quando crianças, somos inseridos em contextos de socialização, que vão auxiliar a moldar muito do nosso caráter, mas principalmente da forma com que pensamos e enxergamos o mundo na atualidade. Essa socialização acompanha processos de (auto)descobertas sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor. Toda criança busca descobrir, conhecer, e por tabela, acabam *amadurecendo* em alguns aspectos muito particulares a cada um. Esse *amadurecimento* da sua forma de ver o mundo e principalmente de pensar e se relacionar com ele, podem e são constantemente revistas durante o nosso desenvolvimento até o momento de nossa eventual morte.

Enquanto você se desenvolve e aprende, você manuseia diversas ferramentas diferentes, as principais delas envolvem o seu corpo e os seus sentidos. Costumamos nos ater a esses sentidos em parcelas de nossa vida, isso é, em determinados momentos buscaremos focar o uso de um em detrimento do outro. Veja que não existe muito sentido, por exemplo, em buscarmos comer uma música ou ver (com nossos olhos) a brisa do vento que perpassa pelas árvores ou até mesmo cheirar o peso de uma pedra que está em contato com o nosso corpo. Para realizar essas ações comumente usaremos a audição e o tato, respectivamente.

Dos meus sentidos, o que eu mais fui levado a desenvolver, tanto como estudante, tanto como pessoal, foi a minha audição. Dos sentidos que mais me agradam a audição e o olfato/paladar ocupam os lugares de destaque, mas isso não significa que os demais sejam menosprezados ou pouco utilizados. Meu foco na audição se deu muito cedo, dentro de casa, ao buscar prestar atenção no que os meus pais falavam e se desenvolveu na posterioridade com o mesmo uso para com os meus professores e pessoas que me cercam. Meu olfato e paladar são geralmente usados para sentir o sabor dos perfumes e dos cheiros ao meu redor enquanto busco distinguir os mais diversos aromas e fragrâncias que o mundo atualmente tem me proporcionado.

Durante a minha formação como estudante fui ensinado a me manter sempre sentado e prestar pouca atenção em sentidos que não fossem a minha audição, para escutar meus professores, visão, para observar o que meus professores faziam e escreviam e, por fim, meu tato, para segurar o lápis que

copiava nos meus cadernos esse novo conhecimento e forma de pensar e ver o mundo a qual eu tinha acesso dentro do ensino básico.

Eu sinto que sempre tive excelentes profissionais me assessorando durante a minha caminhada educacional e foram esses profissionais que fizeram com que eu desenvolvesse o gosto por aprender e, em outros momentos, auxiliar os meus colegas que não incorporavam algumas informações tão rápido quanto eu. Biologia, por exemplo, sempre foi uma matéria que eu tinha muita facilidade em entender e visualizar, dentro da minha cabeça, a forma com que funcionavam as informações que os professores acionavam. Por entender rápido, eu também conseguia encontrar boas formas de induzir meus colegas a enxergar as coisas sob uma ótica parecida com a minha. Mas detalhe, eu nunca me interessei ou busquei o exercício da docência, isto é, eu nunca quis ser professor.

Durante os anos finais do meu ensino fundamental e boa parte do ensino médio, eu comecei a me apegar cada vez mais ao silêncio. O meu silêncio. Eu parei de me expressar verbalmente como fazia quando criança porque um dia meus familiares me disseram “(...) *quando não tiver nada de útil para dizer, não diga. Fique em silêncio*”. A partir daí, comecei a pensar muito mais nas coisas que dizia e por achar que não eram interessantes, passei a me manter em silêncios cada vez maiores ou me ater a falas curtas, básicas e, durante esse mesmo processo, passei a prestar cada vez mais atenção nas coisas que escutava e na forma com que elas reverberaram dentro de mim.

Com o aumento do silêncio, comecei a escutar cada vez mais músicas, claro que não em sala de aula, mas nos momentos em que eu estava sozinho. Na atualidade, essa música foi substituída por Podcasts dos mais diversos tipos e, em grande maioria, por aqueles que contam histórias, geralmente em RPG¹ e Audiodrama².

O RPG é um jogo de interpretação de personagens fantásticos e acabei tendo acesso e me interessando durante o ensino médio, quando alguns amigos me chamaram para jogar com eles em 2016. Naquela sessão (nome dado ao episódio narrativo em questão) fiz um Elfo Ranger, num sistema chamado Dungeons &

¹ RPG: É um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente. O progresso de um jogo se dá de acordo com um sistema de regras predeterminado, dentro das quais os jogadores podem improvisar livremente. (Wikipédia)

² Audiodrama: Formato de exibição de novelas e seriados do tempo do rádio, adaptado e reimaginado para utilização em podcasts.

Dragons, popularmente chamado de D&D 3.5. Não conseguimos terminar aquela sessão, mas uma nova paixão tinha se acendido dentro de mim. Aquele jogo reunia algumas coisas que eu gostava bastante na época: Imaginação, descrições super elaboradas, aventuras e ferramentas de áudio.

Ao final de 2016, fiz o vestibular para a UFSC e se recordam que eu disse que tinha muita facilidade com Biologia. Então, esse foi o curso escolhido. O porquê disso vai ser visto quando falarmos mais a frente sobre os processos que me fizeram elaborar o TCC da forma em que ele foi pensado.

Ao entrar na UFSC, em 2017.1, tive acesso a mais pessoas que jogavam RPG, agora diferentes sistemas³, e tive acesso a muitos outros personagens e customizações (que variavam de sistema para sistema). Em conjunto com essas novas pessoas, comecei a criar novos personagens, novas histórias e fui incentivado por um amigo a iniciar na ‘carreira de narrador’ ou mestre do jogo. Isso significava que eu passaria a contar as histórias e criar as aventuras que as outras pessoas jogariam em conjunto e com isso novas responsabilidades foram ativadas.

Um mestre de jogo, ou narrador, deve fazer muito mais do que apenas contar uma história, ele deve fazer com que essa narrativa seja envolvente o bastante para que os jogadores desejem chegar até o final dela e, de preferência, ser algo memorável para eles. Para isso utilizamos diversos artifícios para prender a atenção e fazer com que a ambientação das histórias seja a mais próxima do que seria dentro de nossas cabeças. Todos precisam jogar uma mesma aventura em conjunto e para isso existe o narrador.

A partir daí, fui me inserindo cada vez mais em pesquisas de como criar boas histórias, aventuras envolventes, melhorar a ambientação das minhas campanhas e principalmente como criar bons personagens, para apresentá-los aos meus jogadores, mas também para criar histórias que eu gostaria de jogar em outros momentos. Com isso, meu consumo de Podcasts sobre o assunto e Audiodrama aumentaram exponencialmente⁴ e fui apresentado a diversos conceitos como estruturas narrativas de arcos de personagem e acabei me deparando também com

³ Sistema de RPG: Um sistema é um conjunto de regras específicas que norteiam as possibilidades de realização das ações dos jogadores dentro de um cenário de fantasia específico, possuindo em alguns casos uma construção de mundo e indicações de ferramentas e dados para melhor aproveitamento daquele estilo de jogo.

⁴ Exemplos de podcasts neste formato que podem ser encontrados no Spotify: Realidades Paralelas do Guaxinin, Taberna do Guaxinin, Taverna do Beer Holder Cego, Vale das Trevas: Da Ponte para cá, Arquivos da Patrulha, Pavulagem.

a jornada do herói, um conceito de Joseph Campbell (1989), ferramentas essas que foram cruciais para o meu aprimoramento como mestre e que vão auxiliar a nortear o meu trabalho.

Ao mesmo tempo em que pesquisava sobre essas ferramentas para construir narrativas, acabei entrando no PIBID Biologia, um Programa que visa permitir com que os estudantes da graduação tenham acesso às redes de ensino e possam experienciar o que é ser professor antes do estágio em docência. Se não queria ser professor, como fui parar nesse Programa? Bom, entrei nas Ciências Biológicas com foco no bacharelado, gostaria de ser pesquisador na área de Micologia⁵, mas acabei detestando a área (principalmente por conta do foco taxonômico, de classificação e hierarquização dos organismos) e me vi um pouco sem atuação futura, quando me vislumbrei por Primatologia, mas não existia, na época, ninguém na Biologia da UFSC que trabalhasse com esse ramo de atuação e isso me frustrou mais ainda. Durante esse processo da primeira frustração, pós-Micologia, me peguei conversando com algumas pessoas que disseram que o PIBID tinha aberto processo seletivo e me chamaram para participar, porque ele estava quase fechando e não tinham inscritos o suficiente (o mais interessante disso é que nos últimos dias acabou tendo um aumento absurdo de inscritos, fazendo até com que tivesse lista de espera).

Ao ser apresentado naquele momento ao que o PIBID fazia, me questionei diversas vezes se seria algo que eu realmente teria interesse, afinal: lembrem que eu nunca pensei na possibilidade de ser um professor e isso não me saltava aos olhos, logo fiquei por alguns dias pensando no assunto e, um pouco por pressão dessas pessoas, acabei submetendo a minha inscrição. Nesse momento pensei em como poderia fazer a diferença em sala de aula e na ausência de professores pretos que tive durante toda a minha formação e, já racializado, decidi que seria uma ótima oportunidade de tentar mudar esse sistema.

Futuramente, após a participação no PIBID, tive acesso à disciplina de metodologia do ensino e ao meu então orientador. Conversamos sobre a possibilidade de entrar para o seu laboratório e começar a participar do seu grupo de pesquisa e, a partir disso, escolhi desenvolver um trabalho sobre o PIBID e sua influência na formação docente. Resolvi abordar algo que me brilhou os olhos, o RPG, mas como conseguiria trabalhar com essa ideia dentro da formação de

⁵ Micologia: É a especialidade da biologia que estuda os fungos.

professores? Quais perguntas eu gostaria de saciar ao estudar mais a fundo sobre esse tema?

A partir daí, me recordei da jornada do herói e dos arcos de personagem de K. M. Weiland (2016), e passei a me questionar se todas essas pessoas que passaram pelo PIBID na mesma edição que eu havia tido os mesmos objetivos. Pensando que cada um de nós, como pessoas, somos únicos, será que compartilharíamos a mesma história e sonhos? Será que seus caminhos eram tão iguais assim, ou melhor, alguns apresentavam tanta diferença dos outros, se sim, como vieram parar no PIBID e como o Programa acabou por reformular suas ideias? Que aprendizado tiveram nesse processo? Estaríamos, ao compartilhar momentos das nossas histórias, predestinados a passar por isso juntos ou por sermos donos de nosso próprio destino acabamos por escolher passar por esses momentos de forma arbitrária?

O que apresento a vocês é o resultado da minha pesquisa que entrevistou alguns bolsistas do PIBID Biologia UFSC, edição de 2018/2019, para compreender como suas histórias pessoais se relacionaram com o Programa, sob a ótica da jornada do herói, que explicarei mais detidamente logo adiante, e como o PIBID acabou influenciando em suas formas de pensar a docência na atualidade. Firmo então que tenho como objetivos:

- Analisar a história de alguns graduandos e verificar, por meio de uma autodescrição, se suas histórias seguem preceitos narrativos pautados na Jornada do Herói;
- Analisar como o PIBID instigou na trajetória dessas pessoas com relação ao exercício da docência e as mudanças que a passagem pelo projeto causou nos entrevistados.
- Verificar como os PIBIDianos relatam sua passagem pelo Programa, visualizando suas percepções sobre as dinâmicas de trabalho desenvolvidas na edição em questão, identificando se isso gerou interferência em suas noções do exercício da docência e formação de professores.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. A ALMA – PIBID BIOLOGIA

O Programa surgiu em 2007, como uma forma de aprimoramento do ensino básico brasileiro, permitindo uma maior articulação dos estudantes da graduação dos cursos de licenciatura como forma de incentivo a uma maior participação nas redes públicas de ensino após a sua formação no ensino superior e, segundo CAPES (2022):

(...) é uma das ações da Política Nacional de Formação de Professores, do Ministério da Educação (MEC), e oferece aos alunos da primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica, no contexto em que estão inseridas.

Durante a sua formação no Programa, os bolsistas são acompanhados por um coordenador da sua instituição de ensino e um supervisor, que é o professor mais experiente e que será o responsável pela regência em sala de aula da disciplina de sua área de formação superior. Segundo os portais do MEC, as regências dos bolsistas contam com prazo de permanência estipulado em cerca de 1 ano corrido e sua abordagem tem sido satisfatória pois:

(...) tem alcançado resultados expressivos, como a diminuição da evasão e o aumento da procura pelos cursos de licenciatura; a crescente participação de trabalhos de bolsistas em eventos acadêmicos no Brasil e no exterior; a articulação entre ensino, pesquisa e extensão e a formação contextualizada e comprometida com o alcance de resultados educacionais.” (BRASIL, 2011).

A edição que será analisada teve seu início em 2018, no curso de Ciências Biológicas da UFSC e durou até o final de 2019, com o encerramento da edição. O projeto em questão foi regido por 3 coordenadores da instituição e 3 supervisoras da rede pública municipal, cada uma delas alocada, na época, em diferentes escolas da

região metropolitana de Florianópolis e com orientação em diferentes séries da rede de ensino básico.

Durante esse processo, os bolsistas foram reorganizados em 3 subgrupos, cada um deles sob regência de uma das supervisoras da rede. O grupo do qual eu fiz parte, por exemplo, ainda teve mais um ponto de *separação*, objetivando um melhor trabalho dos bolsistas e teve como ponto de regência uma turma do 4° e uma turma do 6° ano do ensino fundamental. A divisão de outros subgrupos se desenvolveu de uma forma um pouco diferente, permitindo com que tivessem acesso ao EJA (Ensino de Jovens e Adultos) e aos anos finais do ensino fundamental.

Os momentos de formação e troca de informações dos bolsistas foi realizado na parte final de 2018 e início de 2019. Os mesmos se reuniam na UFSC para discussões teóricas visando o seu desenvolvimento e aprimoramento crítico e humano, para que quando estivessem em sala de aula, pudessem procurar observar a mesma sob uma ótica diferente da que tiveram acesso durante os seus anos de estudantes do ensino básico. Dentro dos momentos de formação ainda foi possível evidenciar a reflexão dos bolsistas sobre o andamento de suas práticas, senso de dever e necessidades de letramento como futuros educadores, permitindo um maior comprometimento com o Programa e as escolas nas quais desenvolviam suas atividades (MORYAMA; PASSOS; ARRUDA, 2013).

Mais especificamente sobre a minha experiência e do meu subgrupo, pudemos participar ativamente do dia a dia não só da nossa supervisora, mas também da escola, ao sermos instigados a conhecer um pouco mais sobre a comunidade em que ela está inserida para entendermos a realidade dos nossos futuros estudantes. Os momentos de formação não apenas do grupo principal PIBID Biologia, mas também os do nosso subgrupo (nesse caso compreenda como os responsáveis pela mesma turma que eu), foram utilizados na grande maioria das vezes para compartilharmos nossas visões sobre o andamento das aulas e aproveitamento dos alunos do 4° ano. Durante essas conversas, elaboramos também planos de ação para melhor adequar os conteúdos que seriam vistos a todos os estudantes, visando incluir diferentes formas de avaliação para os estudantes não inteiramente letrados, para que não se sentissem desestimulados pelo processo educacional.

Diversas ferramentas de ensino-aprendizagem foram operadas pela minha equipe, as principais foram focadas em ferramentas que buscavam o registro físico do conhecimento que os estudantes estavam desenvolvendo naquele momento em específico. Buscamos nos apoiar em abordagens com desenhos, pinturas, colagens, pesquisas supervisionadas na internet e a que mais me chamou a atenção: gravação de áudio.

Buscamos, por meio desses processos, trazer à tona não apenas o estudante como manuseador das ferramentas, mas também como elemento de construção e entendimento das melhores formas de fixação e melhoramento do seu processo de ensino-aprendizagem, permitindo que pudessem desenvolver um certo 'foco' nas ferramentas que melhor conseguiam se relacionar, enquanto aprimorava seu acesso às ferramentas de menor interesse e facilidade de manuseio, como era o caso da escrita e da leitura respectivamente. Tal forma de trabalho, em conjunto com os demais membros do meu subgrupo, permitiu que os estudantes conseguissem se apossar em grande parte dos *conteúdos* e desenvolvessem, ao final do ano letivo, a apresentação dos *conteúdos* construídos em sala de aula de forma extremamente significativa para nós, como bolsistas.

Ao vivenciarmos o dia a dia da escola, em conjunto com estudantes, tivemos acesso a alguns setores da escola que comumente não nos são apresentados sem que haja a necessidade, como por exemplo, as quadras de esporte, sala dos professores, biblioteca e sala multimeios (onde eram desenvolvidas, por meio da regência com professoras especialistas, atividades para alunos com necessidades especiais). Conseguimos também participar ativamente de momentos de formação dos próprios professores da rede municipal, dos conselhos de classe e das festividades da escola, como a Feira de Ciências e a Festa Junina. Todos esses momentos, dentro do PIBID, permitiam com que nós nos apoderássemos do ambiente escolar e ficássemos mais relaxados em abordar outros professores para compreender o funcionamento de suas aulas e desenvolver atividades em conjunto.

2.2. OS OSSOS

Somos, na atualidade, apresentados a uma visão de herói *hollywoodzado*, na qual ele é visto como o ser destemido que precisa resolver todo tipo de problema, sempre com uma ameaça cada vez maior tendo seus atributos (costumeiramente

físicos) colocados a prova, visando sempre um maior bem estar da sociedade em que ele está inserido. Essa construção acabou por se tornar uma “Fórmula” facilmente replicável a qualquer narrativa de grandes estúdios, uma verdadeira fórmula para o sucesso com o público alvo que tende a ser as grandes massas e com relação a isso, Campbell (1989) diz:

Seja o herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial. Os contos populares representam a ação heroica do ponto de vista físico; as religiões mais elevadas a apresenta de um ponto de vista moral. Não obstante, serão encontradas variações surpreendentemente pequenas na morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas.

É interessante, entretanto, pensarmos que as coisas nem sempre funcionaram desta forma e que, antes de serem heróis, nossos personagens eram seres com fragilidades, defeitos e muitas dúvidas de seu potencial, principalmente como agente causador e catalisador de suas próprias vidas. Muitas de suas histórias compartilham pontos narrativos estruturados de formas similares, isso independente de localidade e/ou época de seu surgimento e principalmente de um viés determinístico apoiado em uma ideia de destino, que lhe foi fornecido antes de seu próprio nascimento. Podemos dizer então que todo herói já foi humano, todo humano já foi um nada, sendo indigno, naquele momento, de qualquer tipo de admiração ou conhecimento de seu futuro, *onde* segundo Campbell, o que conhecemos por um herói clássico estaria morto, mas que, mesmo morto para os parâmetros modernos, é capaz de se aperfeiçoar, pois sua função continua sendo inspirar e ensinar, por meio de sua jornada de transformação, o que aprendeu.

Joseph Campbell escreveu, por meados de 1949, uma de suas maiores e mais conhecidas obras no que tange a ideia de construções e análises narrativas heroicas “O herói de mil faces”, na qual conseguimos, pela primeira vez, entender o que é descrito como “a jornada do herói”. É de se pressupor que ele não possuía noção das diversas formas que sua escrita e forma de pensar poderiam ser interpretadas no futuro, ainda mais quando o livro busca descrever os passos que as principais narrativas mitológicas utilizam para construir as suas personas heroicas se apoiando em bases arquetípicas estudadas em alguns ramos da Psicologia,

principalmente no que tange, segundo o autor, as visões de Sigmund Freud e Carl C. Jung, nos espectros psicológicos associados aos sonhos. Campbell descreve:

O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique. mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade.

Ao analisar o que os enredos dos clássicos mitos heroicos compartilham em comum, Campbell acabou por classificar em 12 passos os principais pontos de sinergia das mais diversas histórias, percebendo que, ainda que em todos os momentos eles não fossem aplicáveis (já que a estrutura final de uma epopeia é divergente de uma parábola bíblica ou uma narrativa hindu), os pontos de convergência quando vistos sob uma ótica estruturada tendem a ser praticamente os mesmos. De seus 12 passos, nem todos serão aplicáveis às nossas entrevistas, principalmente os que tangem a ideia de tentação do herói pelo divino ou bens carnis e a premissa do que ele trata como um resgate ao final de uma jornada, já que isso não condiz com o que *buscaremos* analisar em páginas futuras. *Buscaremos* então reduzir todos esses passos em 3 grandes atos, nos apoiando em uma divisão que o próprio Campbell sinaliza em sua obra e que pode muito bem ser utilizada como um grande resumo de suas contribuições.

Detalhamento da jornada do herói:

- Ato 01: O Início/partida.
(Corresponde a: mundo comum, chamado para a aventura, recusa do chamado, encontro com o mentor);
- Ato 02: A Iniciação.
(O desconhecido, aliados e inimigos, a caverna, provação, recompensa);
- Ato 03: O desfecho/retorno:
(Finalização, mudança de percepção, o retorno)

Abordaremos então, cada um desses tópicos de forma breve para que não ocorram equívocos nas sinalizações que faremos dentro das histórias de nossos entrevistados.

2.2.1. Ato 1 - O Início

Nós nascemos predestinados a grandes aventuras? Muito provavelmente não, mas isso não nos exime da possibilidade de vivenciarmos o mundo a nossa própria forma e visão, afinal, é para isso que existem os sonhos e sua forma extremamente única de se comunicar. Ao pensar sobre isso, Campbell nos apresenta o que ele considera como o primeiro passo da jornada:

(...) a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções(...)

Essa colocação se torna ainda mais interessante quando observamos que o mundo é algo comum a todos nós, se comportando com as mesmas leis físicas desde o início do globo, mas, *ainda assim*, cabe ao herói encontrar um problema, um desafio, que necessite de sua força de vontade (e outros fatores) para superá-la e *assim*, se transformar em um novo ser, com mais experiência e sabedoria. Ao sermos apresentados aos problemas do nosso mundo comum, somos levados aos próximos pontos da nossa jornada.

Nesse momento, algumas escolhas necessitam ser feitas de imediato, mas como podemos reagir a elas da melhor maneira? Há diversos caminhos lá fora, muitos deles podem levar a locais nunca antes imaginados e isso é fato. A aventura está lá fora, o chamado está ocorrendo, mas ele vem sendo negado por alguma insuficiência de nossa parte e neste momento necessitamos recorrer a alguém com mais experiência, em alguns casos, até um auxílio sobrenatural, como traz o autor em seu livro, quando se trata de mitos voltados a culturas de tribos e organizações religiosas.

A principal função de quem nos é apresentado como mentor é, inicialmente, auxiliar a quebrar nossas barreiras e incentivar a ir atrás do oculto, confrontar nosso medo e buscar dar os primeiros passos fora do nosso mundo comum rumo ao desconhecido. Nos filmes e séries pode ser visto como aquele ser mais experiente e que busca fomentar nosso protagonista e lhe fornece as ferramentas para passar por futuros problemas. Sabemos que isso nem sempre ocorre da mesma forma e nem todos visam atender ao chamado. Para alguns, as coisas funcionam de formas diferentes já que seu referencial de mundo é distinto dos demais. É válido pensar nesse caso, que nem todos os viventes terão um contato idêntico com o mesmo mentor, pois cada um existe e se comporta segundo a sua própria visão, mas, para aqueles que aceitarem os conselhos de ajuda, um novo mundo se abre e as portas para a iniciação ocorrem.

2.2.2. Ato 2 - A Iniciação

A partir deste ponto, estamos enfrentando um mundo novo, estando abertos a todas as possibilidades. É comum sentir medo, todo grande herói o sente, mas o seu desejo por aventura, ou derrotar um grande mal em sua visão, se mostrou muito maior do que a sensação de estabilidade que ele possuía antes. Sempre é possível voltar atrás e retornar ao conforto do lar, salvo em casos mais específicos de histórias em que a jornada da nossa persona⁶ é pautada na necessidade do retorno para a sua casa. Podemos pensar, e quase sempre funciona de tal forma, que a iniciação ao novo mundo aparente ser algo mágico e repleto de perigos e/ou criaturas incríveis, mas isso tudo é referente ao famoso “frio na barriga” ao qual somos expostos quando estamos frente a um lugar desconhecido, inclusive podemos retirar das escritas de Campbell uma passagem que remete a esse receio do desconhecido:

A ideia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou

⁶ Persona: Segundo Carl Gustav Jung (1875-1961) seria uma roupa ou máscara que vestimos ao nos relacionarmos socialmente com outros indivíduos de nossa espécie. Utilizaremos esse conceito de forma similar, mas cunhado para representar um conjunto mais amplo de desejos. Quando tratamos de “a persona do herói”, dizemos que se trata então d’o conceito do herói.

ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu (...)

Nitidamente vemos a morte, neste caso, como uma alegoria do renascimento e uma possibilidade de não voltar mais atrás. Em alguns casos é possível conter a animação e o desejo de aventura, mas por quanto tempo? Ao desejar não abdicar do caminho do herói, outros agentes irão lhe puxar, novamente, para o rumo que as coisas aconteceriam, o herói pode negar os diferentes chamados as mais diversas vezes, isso inclusive é um dos preceitos pautados por K. M. Weiland (2016) quando a autora escreve e descreve o funcionamento dos diferentes arcos de personagem, tema esse que será trabalhado futuramente.

Analisamos então que todas as provações compõem uma carreira de desafios que a persona do herói é exposta, sejam elas das mais simples como escolher atender ou não a um chamado, ou das mais complexas, como enfrentar os elementos causadores de sua perdição, apresentado quase sempre como um grande vilão em sua narrativa particular.

2.2.3. Ato 3 - O Desfecho

Após inúmeras batalhas e algumas derrotas, algo é certo: ocorreu uma transformação dentro de cada um de nós, heróis de nossas próprias jornadas. Inúmeras transformações ocorreram, muito do seu ponto de vista e suas crenças foi alterado e isso torna a jornada mais poética ainda já que o herói não se transformou, ele se transmuta em algo que, dependendo do seu *arco narrativo*⁷, vai ser visto como melhor do que ele se demonstrava anteriormente. Em alguns casos, aquela(s) conversa(s) que teve com o seu mentor inicial lhe forneceu as ferramentas necessárias para passar dos mais absurdos desafios, em outras, sua experiência de vida e contatos que teve durante a sua pré-jornada (ATO 1), foram as responsáveis por este papel e tendo obtido a transformação que nem sempre desejava. Se mostra enfim apto a finalizar sua jornada retornando para a casa, ou ao seu antigo mundo, com todo o novo conhecimento que adquiriu.

⁷ Arco Narrativo: É o desenvolvimento histórico narrativo que personagens possuem em uma história e que auxilia a ditar futuramente os seus comportamentos e formas de pensar e interagir com o ambiente ao seu redor.

Tal história costuma se repetir de tal forma que “Tendo sua consciência sucumbido, o inconsciente, não obstante, produz seus próprios equilíbrios, e eis que o herói renasce para o mundo de onde veio” (CAMPBELL, 1989).

O que essa jornada, envolvendo transformação, trouxe para a vida do herói? Conseguiu encontrar o seu lugar no mundo? Essas são perguntas que podem ser feitas ao final da jornada cíclica da nossa persona, pois quando esta retornar para a sua casa e compartilhar seus conhecimentos, diversas outras coisas podem acontecer, tanto a sua transformação em agora um novo mentor, quanto a apresentação de um novo chamado para a aventura para que possa desenvolver, novamente dentro de si, outros temas que lhe são pertinentes e interessantes. Tal fator é comumente visto nas mais diversas mídias e exemplos nítidos são de séries de livros, como Harry Potter ou em qualquer filme com temática de super-heróis, ainda que sua estrutura de arco narrativo possa ser um pouco diferente do que o esperado, como veremos a seguir.

2.3. A CARNE

Arcos de personagem são lidos como uma jornada de transformação interna ao longo de uma determinada história. Eles servem como auxílio norteador da construção da sua história e claro que, narrativas fantasiosas são diferentes de narrativas com alguma relação com a chamada realidade comumente aceita, mas os arcos podem ser visualizados e aplicados em ambos os casos, com nuances de diferenciação entre eles, claro, visto que personagens ficcionais podem ser direcionados a contextos diferentes durante sua trajetória. Caso isso pudesse ser aplicado da mesma forma em contextos das nossas vidas cotidianas, teríamos personas predestinadas aos mais diversos feitos e possibilidades e acabaríamos tendo uma visão quase que inteiramente estoica do mundo em que vivemos, passando a aceitar todas as coisas que nos ocorrem por entendermos que são construções de um mundo que não podemos nos dispor a alterá-lo.

A nossa principal referência nessa ideia da construção de arcos narrativos de personagem será a escritora K. M. Weiland (2016). Ela escreve em “Creating Character Arcs”, sobre o assunto e diz que “seu personagem está incompleto por dentro. Ele provavelmente possui equívocos sobre si próprio, o mundo ou provavelmente ambos.”

Este equívoco na visão do nosso herói é o que a escritora denomina como sendo a mentira do personagem, ou “Character’s Lie”, mas que abordaremos como “A crença do herói”, já que segundo a mesma, estamos em um conflito constante de “o que queremos versus o que precisamos” para evoluir em nossa trajetória como heróis.

Segundo a autora, é possível dizer que existem 3 tipos de arcos principais, cada um com seus pontos específicos de transformação. Os primeiros deles são os arcos de mudança, que podem ser fragmentados em positivo e negativo, no qual, o suposto herói acaba tendo sua percepção totalmente alterada sobre as coisas que ele um dia acreditava. O Terceiro é o arco de crescimento ou estático, que pode até se assemelhar ao arco de mudança, mas que nesse caso não gera uma transformação na mentalidade do herói, ele apenas se desenvolve mais como pessoa e ainda que mude um pouco a sua visão sobre as coisas, mantém a sua essência e visão de mundo intacta. Ela ainda se complementa falando sobre os 3 grandes atos de um personagem, ou nosso herói, fato esse que já vimos anteriormente, mas que segundo a autora “Os três atos da história, correspondem aos três estágios das motivações exteriores do herói. Cada mudança na motivação do herói simboliza sua chegada ao ato seguinte” (WEILAND, 2016).

Para facilitar a nossa continuidade, vamos buscar falar brevemente sobre cada arco, explicando um pouco de como ele se relaciona com a jornada que já citamos previamente. Nosso primeiro ponto de observação será o arco positivo, por ser o mais simples de categorizar e exemplificar.

No arco positivo adquirimos uma alteração benéfica de nossa persona enquanto agente causador, pois ele tende a entender como o mundo funciona e como seus problemas podem ser resolvidos caso ele se empenhe e aprimore determinadas características no andar da sua jornada. Os “plots⁸” pelo qual ele passa vão influenciar diretamente na forma com que ele tem observado o mundo e no que ele espera que venha a ocorrer com o seu futuro. Cada *plot* pode representar um ponto de desafio em sua jornada e pode fazer com que ele redefina pré-conceitos e suas crenças, desafios esses capazes de tornar o personagem algo

⁸ Plot: Costumemente chamado de *plot twist* é o nome dado a reviravoltas inesperadas na trama de uma história e que podem alterar completamente o que entendemos do enredo até o seu acontecimento.

melhor do que iniciou a sua jornada e restabelece a sua fé na humanidade porque rompeu com suas crenças iniciais.

Como estamos falando de heróis, podemos citar como exemplo o primeiro filme do Thor (2011), produzido pela Marvel, no qual o herói é jogado ao mundo terreno após ações não bem quistas pelo seu pai Odin e passa por uma jornada de transformação para aprender sobre o amor e se livrar de suas crenças errôneas sobre poder e suas máscaras de ego. Ao final do filme, tudo isso é muito bem-sucedido e ele recebe liberação para retornar ao mundo dos deuses. Em mídias orientais, por outro lado, diversos animes e mangás tratam deste estilo de arco de personagem, como o Vegeta ou o Piccolo, do anime de Dragon Ball, onde os dois compartilhavam (em momentos diferentes) crenças deturpadas sobre poder e dominação, mas que ao serem derrotados e inseridos em um contexto diferente, obtiveram uma alteração de crença de mundo praticamente completa, ganhando inúmeras virtudes e deixando de lado uma grande parte de suas visões errôneas sobre o mundo. Isso permitiu com que, ainda que possuindo seus próprios motivos egoístas, compartilhassem novos ideais de paz e responsabilidade para com o seu novo planeta.

Em boa parte do que vem sendo falado sobre o arco positivo, podemos ser levados a crer que essa transmutação da persona é algo muito mais de caráter interior do que exterior já que, não importa a quantos problemas e desafios a persona for submetida, ela sempre vai procurar tirar algo de bom da sua jornada, ainda que mude o mundo ao seu redor. Seu desenvolvimento é muito mais pautado no “eu” interior do que em suas ações para o mundo e acaba que ajudar os outros se torna apenas um passo do seu desenvolvimento como rompedor de suas crenças equivocadas.

Em arcos estáticos essa mudança é muito mais difícil de ser sentida e vista, já que muitos de seus *plots* se assemelham aos dos demais arcos de personagem, exceto pelo seu final, no caso o terceiro arco, onde nossa persona, agora um herói (ou não), se desenvolve muito mais como pessoa, aprendendo coisas que antes não sabia sobre o mundo, mas sem ter sua crença alterada de forma significativa. É um tipo de arco muito comum em histórias com vertentes orientais. Nelas, é narrado a jornada de um personagem sem que muito de sua presumível essência acabe sendo alterada por conta de fatores externos, mas ainda assim, seu amadurecimento se torna nítido e ele rompe com algumas crenças infantis ao incrementar o seu ponto

de vista sobre o funcionamento do mundo e suas possibilidades como agente causador.

Podemos citar, com até certa facilidade, histórias em que isso ocorre onde o personagem principal é um detetive ou um agente executor de suas próprias leis. Exemplos práticos que vejo desses arcos são relacionados em sua grande maioria com revistas como a DC, citando o Batman (1939) e o Super Man (1938) como exemplos de moralidade e crenças intransponíveis, mas que a cada história nova são expostos a novos desafios, não se deixando abater ou se desenvolvendo profundamente com isso. Em mídias orientais, por outro lado, podemos citar como grandes exemplos de arcos estáticos os animes de Dragon Ball (1984) e One Piece (1997), onde os personagens principais continuam conservando seus desejos iniciais, ainda que com pequenas mudanças na sua forma de ver o mundo, ao entender que suas ações geram resultados a todos aqueles que convivem e se relacionam com eles.

Basicamente, podemos dizer que um arco estático é sobre a relação do herói com o meio em que ele está inserido, as transformações que ele causa nesses locais e sua disposição para continuar, e muito menos, em comparação aos arcos positivo e negativo, sobre o como essas coisas interferem na sua existência e construção do seu “eu” interior.

Por fim, temos o arco de transformação negativo, que pode ser fragmentado em 3 tipos distintos, ou rotas, e cada um com sua particularidade. Particularmente, são o meu estilo de arco de personagem favorito, pois podemos presenciar e apreciar a queda de nosso personagem por conta de suas decisões e, em alguns casos, apego exacerbado a sua crença. A estrutura para esses arcos segue o mesmo preceito do arco positivo, podendo ocorrer uma mudança completa nas crenças de nosso personagem ou ele pode vir a se apegar inteiramente às suas crenças iniciais, de tal forma que perde completamente a fé em possibilidades de melhora. Sobre eles, Weiland (2016) sinaliza que “os arcos negativos contam a história de personagens que terminam em locais piores do que o que ele iniciou - e provavelmente levou outros com ele.” (p.139).

E continua descrevendo então os 3 diferentes tipos de arco:

1º - Arco de Desilusão: o personagem é confrontado com a verdade e novas crenças sobre o mundo, consegue romper com as suas crenças iniciais, mas a nova

verdade que ele adquire é algo muito pior do que ele pode carregar consigo já que consegue ver que o mundo em que ele está inserido consegue ser ainda pior do que o imaginado inicialmente. Pode ser comumente visto em heróis de quadrinhos e filmes. Ele percebe, por meio de diferentes fatores, que não importa o quão bom ele seja, em alguns casos isso poderá ser utilizado contra ele. Costuma abrir portas futuras para arcos de positivos de redenção.

2º - Arco de Queda: o personagem é confrontado com a verdade e novas crenças, mas se recusa a aceitar ela, preferindo ficar com novas crenças ainda piores e em todas as vezes que pode ser apresentado a alternativas que rompam com essa parte negativa, vão entrar em recusa. Pode ser comumente visto com vilões nos mais diversos filmes e seriados. O personagem começa a enxergar o mundo de uma forma que não condiz com o que lhe é mostrado cotidianamente e por isso, resolve se rebelar.

3º - Arco de Corrupção: o personagem já entendia como o mundo realmente funcionava, mas preferiu ignorar isso em prol do fortalecimento de suas crenças ou para resolver as coisas ao seu modo. Pode ser comumente visto em anti-heróis que se revoltam contra o sistema em que estão inseridos e resolvem, a partir daí, construir uma nova forma de resolver conflitos à sua própria maneira.

Histórias sem transformações não são histórias, somos seres mutáveis e que estão em constante aprendizado por meio de nossas vivências e desejos de seletividade. Todas essas escolhas nos fazem ser quem somos e nos levam a pontos que anteriormente não tínhamos em mente. Todos nós possuímos diferentes histórias e nos relacionamos com diversos arcos de personagem durante nossa jornada por este planeta, sendo, em alguns casos, bem difícil fazer uma distinção absoluta sobre qual desses arcos estaríamos.

Poderíamos, entretanto, resumir todos os arcos de uma forma bem mais simples e útil para a nossa comunicação, onde podemos, de forma extremamente rudimentar, mentalizar a seguinte questão: Houve transformação na forma de pensar de nossa persona? Foi algo que se desenvolveu sob uma ótica normalmente vista como positiva ou negativa?

A partir disso e tendo todas essas informações em mãos, agora podemos chegar à parte norteadora do presente trabalho. Nele, vou buscar compreender, em associação com a jornada do herói, como as histórias que obtivemos de nossos

entrevistados construíram sua trajetória e concluiremos, ao final, qual o tipo de arco de personagem que pode ser melhor identificado em cada jornada.

2.4. O SANGUE - OS SERES DE TRANSFORMAÇÃO

Já sabemos o que buscar, quais perguntas precisamos fazer, mas ainda falta uma parte importante do desenvolvimento deste trabalho: encontrar as pessoas que me ajudaram na confecção deste trabalho, fornecendo um pouco de suas histórias para analisarmos e tentarmos compreender se a linha de raciocínio que viemos trabalhando no início apresenta algum sentido. Em conjunto com a escolha de nossos entrevistados, precisamos pensar também em uma forma de obtenção dessas informações, de preferência não apresentando uma necessidade muito objetiva na pergunta para abrir espaços de criação.

Optamos por trabalhar com 3 pessoas de subgrupos distintos da edição escolhida do PIBID Biologia UFSC visto que cada um dos subgrupos tratou de temas e necessidades completamente diferentes entre si. Em suas entranhas conseguimos presenciar o surgimento e desenvolvimento distinto dos mais diversos tipos de pessoas, tanto por meio da supervisão que estavam adquirindo naquele momento, quanto pelos desafios que encontraram no transcorrer de sua jornada. Essas pessoas foram convidadas de forma aleatória, mas com a premissa de mostrar que nenhuma história e jornada, vai ser igual a de outra pessoa.

Após convidarmos nossos entrevistados, surgiu a necessidade da elaboração do que Guimarães (2012) chama de dispositivo artístico, que vem a ser um artefato elaborado para promover a construção de uma narrativa com um viés de observação desenvolvido para o tema escolhido. No caso do autor, a discussão sobre a noção de dispositivo foi pensada para práticas pedagógicas em educação ambiental. Muitas possibilidades vinham sendo elencadas para trabalhar a construção deste dispositivo, principalmente ferramentas que pudessem obter a memória de nossos entrevistados, mas alguns pontos foram cruciais no desenvolvimento final e os motivos disso poderão ser experienciados na parte final do trabalho.

A escolha da busca pela experiência surgiu por meio da minha vontade de escutar, de prestar atenção nos sons que se desenvolvem ao meu redor e buscar visualizar os mais diversos cenários que a sonoplastia poderia nos apresentar. O ato

de escuta é fundamental para um aluno e mais ainda para um professor. Precisamos dentro, mas principalmente fora das salas de aulas, escutar o que os estudantes têm a dizer, as suas formas de comunicar suas dores e seus sentimentos, a sua rebeldia, pois a partir dessa escuta, quando feita de forma carinhosa e sem hostilidade, conseguiremos extrair as formas e informações para transpassar algumas barreiras e bloqueios que são geradas entre nós, humanos, de forma constante.

Em conjunto com o desenvolvimento do processo de escuta e o desejo pelos mais diversos sons e comportamentos musicais, fui levado a refletir sobre a possibilidade de caminhar com os entrevistados e necessitando que isso fosse visto de uma forma mais impessoal, mas ainda única para cada um deles, fui levado a elaborar o dispositivo na forma de um artefato audiofílico⁹, onde me dispus a caminhar com cada um deles, escutando em conjunto o barulho do mundo ao redor e de seus espaços particulares, sendo apoiado das mais diversas formas pelo escritos do livro “Caminhar: Uma filosofia” de Frédéric Gros (2021), no qual podemos compreender sobre a influência que uma caminhada propicia a momentos de reflexão do indivíduo e aborda situações que transpassam o físico, propiciando momentos extenuantes de satisfação e recordação ao se interligar as suas memórias, como abordado pelo autor:

(...) Caminhar longamente para reencontrar em si mesmo o homem de antigamente, o primeiro homem. Caminhar, mas não como quem vai para o deserto a fim de desligar-se do mundo e de seus suplícios, de purificar-se pela solidão, de preparar-se ao seu destino celeste, mas caminhar para redescobrir em si mesmo o homem que saiu das mãos da Natureza. (p. 77)

Em conjunto com a necessidade de caminhar para se interconectar ao seu eu do passado e ter contato com o herói em seu auge, o autor (GROS, 2021) ainda aborda diversos aspectos e nuances sobre a necessidade de se caminhar e como isso interfere na sua forma de pensar e se portar diante as situações da vida, por exemplo:

Aquele que compõem caminhando está, pelo contrário, livre de amarras, seu pensamento não é escravo dos outros volumes, do peso das

⁹ Audiofílico: Referente a Audiofilia, amante do som ou consumo de áudio, em descrição literal.

verificações, da carga do pensamento alheio. Não há contas a prestar, a ninguém. Só pensar, julgar, decidir. É um pensamento que brota de um movimento, de um impulso (p 27.).

Tudo isso nos permite então a possibilidade de realizar uma entrevista única, mas unificada, com cada um dos entrevistados. Mesmo passando pelos mesmo locais de minha mente e escutando o espaço físico em que estou inserido, são levados a se manterem caminhando isolados e disponíveis a não se comunicarem em um primeiro momento, ficando reféns de suas memórias e seus próprios pensamentos na formulação de um vislumbre orgânico de seu próprio passado e conseguindo retratar com maior originalidade e carinho, pontos sensíveis de sua jornada que poderiam ser lidos, acusticamente, de uma forma diferente do que seus corações e mentes comunicavam no momento.

Optei então por fragmentar a minha própria jornada em 3 passos distintos, os quais tiveram como base a jornada no herói e os 3 grandes estágios do ciclo da mesma. A organização ocorreu dessa forma para que nossos entrevistados pudessem se estender o máximo possível em suas alegorias e pensamentos dentro de momentos específicos de suas próprias vidas, seguindo cada um deles o próprio andar de sua jornada. Cada um teve acesso às gravações do ATO 1 em conjunto, mas os demais ATOs só foram enviados com a entrega de suas devolutivas também na forma de áudio. Suas gravações são muito singulares pois buscaram gravar “de próprio punho”, isto é, sem ajuda externa, inclusive de minha parte (ainda que tenha fornecido a possibilidade de lhes auxiliar com a captação acústica). Optei inicialmente por uma caminhada ao ar livre, cercado de natureza e sons que me passassem conforto e então dividi minha jornada nos três seguintes estágios:

2.4.1. Primeiro estágio

Neste primeiro momento de caminhada eu me apresento e agradeço a presença do entrevistado. Iniciarei contando de onde eu vim, as escolas que passei, um pouco sobre minha família e como foi a minha criação. Conversei sobre como foi estudar para o vestibular e de onde saiu a minha vontade de cursar Ciências Biológicas na UFSC, trazendo um pouco à tona as coisas que eu esperava dentro da universidade, entre elas, não desenvolver nenhum contato com a licenciatura por

já ter uma opinião muito bem estabelecida na época sobre o papel do professor e minha falta de propensão a seguir uma carreira escolar. Busco então, gerar um questionamento nos entrevistados, tentando fazê-los comunicar os seus motivos de terem optado por entrar na universidade também e o como essa escolha se deu interna e externamente em suas vidas. Esse primeiro estágio é crucial para compreender de que mundo comum nosso atual herói saiu e como foram os seus primeiros passos rumo ao desconhecido.

2.4.2. Segundo estágio

Aqui, durante este segundo áudio, contarei um pouco sobre como foi a minha entrada na UFSC, as primeiras aulas e como foi a descoberta deste mundo novo, as pessoas que conheci nesse caminho e como se deu a minha entrada no PIBID Biologia. Contarei sobre alguns trabalhos que realizamos e como era a minha relação com os demais colegas, aspirações que eu enxergava neles e o como o contato com a sala de aula ia me transformando pouco a pouco e dia após dia. As saídas a campo que tivemos, a feira de ciências, a primeira vez que fui chamado de “professor” entre outras coisas que serão inseridas dentro da gravação como o encerramento do PIBID na escola a qual eu fazia parte como bolsista. Neste momento buscarei fazer com que o entrevistado me conte um pouco de como foi sua jornada dentro do projeto e um pouco sobre as coisas que aprendeu em sua trajetória. Aqui busco compreender os desafios pelo qual essa pessoa foi forjada dentro do Programa e como buscou lidar com eles.

2.4.3. Terceiro estágio

Essa será minha caminhada final. Já tendo contado sobre a minha história com o PIBID e, por tabela, narrado boa parte dos acontecimentos de minha vida, pretendo agora “me sentar” com o espectador e divagar um pouco sobre a ideia de destino, fazendo com que ele se questione sobre o seu desempenho dentro do programa e as possibilidades que lhe foram abertas e, no final, me conte um pouco no que ele acredita e como enxerga a carreira docente, agora que finalizamos nossa edição do PIBID, e quem sabe um pouco sobre seus objetivos futuros. Minha ideia

com essa parte final é ter uma noção de que arco narrativo de personagem o nosso entrevistado acredita que tenha tido, sem que tenha ciência disso.

A partir de agora você vai poder verificar um pouco do que eu obtive de resposta dos nossos entrevistados e o como suas histórias foram convergindo para pontos comuns, tendo suas representações da jornada do herói e suas crenças, quando se trata de arcos narrativos, desenvolvidas durante este ciclo que foi o PIBID Biologia em nossas vidas. Prontos? Os portões agora estão abertos.

2.5. TRILHAS E TRANSMUTAÇÕES - ESTAMOS PREDESTINADOS AO NOSSO FUTURO?

2.5.1. Ato 01

2.5.1.1. *Emmanuel:*

Eu nasci em 1999, no último ano do antigo século. Até onde eu sei, não chovia e era um clima ameno. Sou o primeiro filho dos meus pais, portanto o mais velho dentre as minhas duas irmãs, que vieram depois. Cresci sem acesso à rua, ficando sempre restrito às amizades da minha irmã do meio e sem muita interação com as crianças da minha idade. Morei por mais de 20 anos no mesmo lugar e só acabei saindo durante a pandemia, por questões de saúde física e mental, mas isso não vem muito ao caso agora. Todas as instituições de ensino pelas quais passei, foram públicas e fiquei muito tempo nelas, não por dificuldade de aprendizado ou algo similar, apenas por ter conseguido uma vaga cedo e me mantido ali até os limites de idade permitidos. Estudei mais de 12 anos no famoso IEE (Instituto Estadual de Educação), onde aprendi a ler com 6 anos, com a ajuda da professora Joinete. Naquele mesmo ano, fui colocado e retirado de uma colônia de férias na metade do ano porque as educadoras haviam sinalizado à minha mãe que não poderiam me manter na instituição porque eu já sabia ler, enquanto as outras crianças ainda não. Hoje em dia, acho isso extremamente engraçado. Lembro do momento exato em que eu lia um livro infantil para algumas crianças e no final do dia, minha mãe saindo comigo do local e tentando explicar o que havia ocorrido.

Meu desenvolvimento nunca foi muito acima da média, admito, mas sempre tive muita facilidade para aprender e auxiliar os meus colegas com assuntos

relacionados à biologia, era como se as coisas se encaixassem de uma forma simples e tudo sempre fizesse muito sentido. Ainda durante o ensino fundamental 2, já iniciamos o acesso ao laboratório de aulas práticas e aos técnicos responsáveis dos laboratórios, pessoas com as quais o contato começou a ser aprofundado com o passar *dos anos*, principalmente nos finais *desses anos*, onde poucas pessoas se mantinham em sala por já terem sido aprovadas. Eu não era um mau aluno, pelo contrário, gostava de ir para a escola para poder jogar bola e aprender sobre conteúdos novos em épocas e turmas diferentes. Esse desejo e vontade de conhecer as coisas me fez frequentar bastante os laboratórios em conjunto com meus amigos, principalmente durante o último ano do ensino médio, quando o vestibular já começava a bater na porta. Enquanto alguns deles pareciam bem decididos em suas escolhas e motivos, eu me sentia extremamente perdido nas possibilidades de cursos e futuros, porque realmente tudo parecia muito interessante em ser feito (menos trabalhar). Me inscrevi em um cursinho comunitário chamado INTEGRAR, que tinha boa parte de suas aulas no IEE, no turno da noite e era voltado a população negra, adulta e de baixa renda da região. Durante o cursinho, tive acesso a professores *que haviam passado* pela UFSC e falavam com bastante carinho da universidade e momentos *que haviam passado* dentro dela, junto a isso, abordaram profundidades de temas relacionados a biologia que eu nunca tinha visto em sala de aula. Tudo isso me maravilhou cada vez mais.

Antes da inscrição no vestibular, e decisão do meu futuro no momento, parei para conversar com a minha professora de Biologia do ensino médio, professora Vera, questionando sobre os motivos que a levaram a fazer esse curso e quais suas formações. Junto a isso, conversei também com a Fernanda, que era a técnica do laboratório, por influência da professora Vera para me aprofundar um pouco mais nessas possibilidades. A professora Vera era especialista em botânica, já a Fernanda, disse que era especialista em anatomia forense, o que fez meus olhos brilharem como nunca antes visto antes. A escolha da minha possível área de interesse foi cunhada antes de tudo isso, em 2012, com o nascimento da minha irmã mais nova, quando comecei a me interessar bastante sobre toxicologia natural, principalmente botânica, o que também auxiliou a aflorar meu interesse por biologia naquela época.

Em 2016, ainda no terceiro ano do ensino médio, prestei o vestibular para Ciências Biológicas Bacharelado, sem a mínima propensão de passar, afinal, não

tinha estudado tanto a ponto de acreditar que conseguiria alguma coisa nessa situação. Passei, me matriculei, conheci novas pessoas da minha turma e em 2018, quando estava na terceira fase, as inscrições para o PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - abriu seu processo seletivo. Honestamente? Eu nunca me interessei muito por docência, inclusive, fugia dela de todas as formas possíveis, mas depois de inúmeras conversas com uma colega de turma que sempre alega que nunca está errada, fui convencido a me submeter ao programa apenas como um teste. Passei no processo inicial de seleção e também pela entrevista, onde fui aprovado como bolsista.

2.5.1.2. *Entrevistado 01:*

Eu nasci em 2000, numa cidadezinha no interior de Santa Catarina, perto de Criciúma. Eu sou a mais nova de uma família com três irmãos ao total. Quando nasci, minha irmã ia fazer 23 anos e meu irmão, 19 anos. Eu sou a tal da chamada “temporona” ou o “Raspo da taxa” como muitos dizem. E quando nasci a minha sobrinha, filha da minha irmã, já tinha seis meses. Eu nasci dentro de uma família que sempre passou por muitas dificuldades, uma família pobre, uma família em que a gente sempre teve que matar ‘um leão por dia’ para poder nos criarmos. É nesse ‘matando leões por dia’ que eu cresci e que eu vivi a minha história. Eu não sei dizer bem quando eu decidi que queria ser, assim, professora. Eu tenho alguns palpites, mas parece que desde que eu nasci eu sabia que eu iria ser isso.

Eu era uma criança em que tinha momentos que era eufórica, que gostava de brincar com tudo e em outros momentos gostava de brincar sozinha. (...) Eu não me lembro quando é que me alfabetizei. Não lembro quando eu li meu primeiro livro ou quando escrevi minha primeira palavra, meus pais também não lembram porque eles ficavam o dia inteiro trabalhando pra poder me sustentar e poder sustentar a minha irmã, que era mãe solo e que na época fazia faculdade, uma faculdade particular (...).

Quando eu tinha meus dez, 11, 12 anos, eu comecei a me interessar muito mais pelos temas de astronomia, muito mais porque eu sempre gostei de todos os temas que eu aprendi na escola, seja em ciências, geografia, história, matemática, artes, educação física, inglês e português.

(...) A pessoa que mais me incentivou a pensar nisso foi uma professora de matemática, a professora Ana Lúcia. Ela foi 'meu mestre' nesse sentido. A professora Ana Lúcia desde sempre identificou em mim uma facilidade de aprender enorme, tanto que ela defendia o fato, para os outros professores, de eu ser uma aluna autodidata, porque eu conseguia aprender sozinha. Muitos professores debochavam dela e, para surpresa daqueles professores, a professora Ana Lúcia estava certa: eu sou autodidata.

(...) Ter uma infância e adolescência marcada pelo bullying em relação ao meu corpo, que me gerou diversos transtornos alimentares e essas situações, com as dificuldades da minha família acabaram influenciando na minha personalidade. "Você é uma pessoa extremamente eufórica, ansiosa, organizada, perfeccionista, enfim, 'N' coisas..."

(...) Eu não queria sair, não queria mais brincar. Eu queria estudar porque tinha um objetivo. Meu objetivo era entrar na universidade, porque eu imaginava que apenas entrando numa universidade eu poderia mudar a minha situação financeira, social e cultural. (...) Nesse mesmo momento, eu decidi prestar uma prova para o Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC, de uma cidade vizinha, Criciúma. Eu passei e tinha que fazer um curso técnico junto, escolhi Técnico em Mecatrônica, porque (...) mexe também com robótica, robôs, robôs são bem utilizados na física. Eu fui para a mecatrônica, cheguei em mecatrônica e foi um tombo, porque a forma de estudar era completamente diferente do que eu fazia. Então tive minhas primeiras notas baixas, tive minhas primeiras decepções e foi no IFSC que meu mundo virou e que a Biologia entrou.

(...) E eu comecei a perceber que as plantas eram muito mais legais do que eu imaginava. O meu contato diário com taxonomistas, sistematas e ecólogos dentro da área da botânica no herbário me fez abrir os olhos para a biodiversidade em geral e para os seres vivos. Enquanto eu estava lá, eu sempre falava que eu ia fazer física porque queria fazer física e os biólogos sempre diziam para mim, os doutorandos, mestrandos: "Você é a cara da biologia, você vai fazer biologia, a gente vai te convencer disso". E eu "Tá, vamos ver". Cada vez mais eu fui me apaixonando pelas plantas, especificamente sobre taxonomia. Eu achava o máximo você olhar para as características de cada espécie e para dar nomes para elas e finalmente dar um nome de uma espécie. Então, nessa minha rotina, eu fui cada vez mais me dedicando dentro da área da botânica.

(...) Passei de terceira chamada, mas passei. E o curso que eu me inscrevi não foi bacharelado não, porque durante todos esses momentos da minha vida, uma coisa eu tinha sempre certo na minha cabeça eu ia ser professora, não tinha outra opção, eu ia ter que estar ensinando, seja na escola, seja na universidade, independente da área que eu seguisse, eu ia dar aula.

Passei na terceira chamada na UFSC e vim. Em uma semana minha vida mudou completamente. Eu saí da casa dos meus pais com todo conforto, com todo amor, apesar de todas as dificuldades, e vim pra capital do estado, a 200km de casa, morar de favor na casa dos meus tios, pegar quatro ônibus por dia, dois para ir e dois para voltar, morando na casa de estranhos e com pouquíssimo dinheiro. Nesse momento, dentro da UFSC, no primeiro semestre eu precisei estudar muito, muito. Não que eu não precisasse estudar nos outros, mas eu tive que estudar muito mais, porque eu não estava no mesmo nível dos meus colegas. O IFSC me ajudou muito em diversas coisas, mas, por exemplo, a química estava muito defasada e a química é muito importante na biologia, então eu tive que estudar muito, muito mesmo. E eu fui negligenciando várias coisas e diante desses apertos que vinham, em todo momento eu queria desistir do curso e voltar pra minha casa, porque eu achava que: eu não tenho como sustentar isso.

Então eu comecei a procurar formas em que eu poderia trabalhar e eu sempre procurava as escolas. Eu fiz minha carteira de trabalho, eu fui tentar procurar para dar aula, mas como eu estava na primeira fase, não podia. E aí vem o PIBID, Programa de Iniciação à Docência e eu falei “Ué, é isso, eu quero ser professora, eu tenho uma bolsa disponível, eu preciso de dinheiro, é óbvio que vou optar por isso.” Eu me inscrevi no PIBID e passei. (...).

2.5.1.3. *Entrevistado 02:*

Acho que é importante eu começar a minha fala com o meu ano de nascimento. Eu também nasci em 1999 e isso é importante porque no meu círculo familiar eu sou a mais velha de filhos mais velhos. Então a minha mãe é a mais velha de três irmãs e o meu pai é o mais velho entre quatro irmãos. Depois do meu nascimento, depois de três anos de existência nesse mundo, surgiram muitos outros. Inicialmente a minha prima e depois o meu irmão, logo depois, alguns anos

depois, outros primos mais novos que foram sendo incluídos aí na família, nesse círculo familiar, todos por parte do meu pai. E até então, nenhuma das minhas tias, por parte de mãe, teve filho. Nesse círculo familiar, da parte do meu pai, era o que eu mais convivía na minha infância e apesar de eu mudar muito de casa durante toda a minha infância e adolescência, a casa da minha vó sempre foi um ponto fixo na minha vida. Então os adultos decidiram dividir as crianças. Uma parte estudava de manhã e passava a parte da tarde na casa da minha vó e outra parte estudava durante o período da tarde e passava o período da manhã na casa da minha vó. Tudo isso feito para não deixar a senhora muito doida com todos os netos, no total seis, juntos no mesmo ambiente, o dia inteiro. Então, o momento em que a gente mais se encontrava e mais tinha essa troca de relações entre os primos, era o período do almoço em que todos estavam ali para almoçar, alguns chegando da escola e outros indo para a escola logo depois, e os períodos das férias. E eu acho que uma palavra que poderia definir assim o meu ser nesse período era “a frente”. Eu estava sempre liderando. Acho que é uma palavra boa, liderança, e eu estava sempre liderando esses grupos com os meus primos e uma das brincadeiras que mais aconteciam durante as férias era a de escolinha e eu era sempre a professora, então eu preparava muitas atividades para fazer com os meus primos mais novos durante as férias, muitas atividades de alfabetização que eu nem entendia como atividades assim ainda. Então eu lembro de revisar o alfabeto com o meu irmão diversas vezes, do começo da alfabetização e da leitura da minha prima. Eu lembro que eu tinha um quarto na casa da minha vó, já que todos os filhos dela já eram adultos e basicamente nenhum morava mais junto com ela. Um dos quartos era a nossa escolinha, era o grupinho dos primos ali, o grupinho dos netos.

Nesse quarto tinha muitas atividades espalhadas, desenhos, um quadro com giz e eu ignorava completamente a rinite pra estar brincando naquele quadro, como se eu fosse a pessoa mais instruída de todas e tivesse tanto, tanto, tanto para ensinar. No fundo eu tinha, né? Mas de diversas formas.

(...)

No ensino médio, eu definitivamente não era boa em biologia, eu continuava sendo uma boa aluna, mas não tinha nada que você olhasse e falasse: “nossa, essa menina vai seguir carreira em biologia porque ela é nota dez”. Não, eu simplesmente só me interessava. Apesar de que na escola em que eu estudei, tivemos vários contratemplos em relação a professores de biologia. Nos três anos que eu fiquei

nessa escola estadual de ensino médio, eu troquei de professor de biologia diversas vezes e mesmo assim eu me interessava pela disciplina. E foi lá no ensino médio, no terceirão, no terceiro ano, que eu me inscrevi para um cursinho pré-vestibular comunitário que aconteceria em uma outra escola da região. (...) Nesse ano, eu estudava no período da manhã, o ensino médio regular, e fazia um curso de menor aprendiz na parte da tarde e conciliava isso trabalhando com uma empresa, era vinculado a ela. No período noturno passei na seleção desse curso pré-vestibular e eu comecei a frequentar esse curso (...). Lá conheci um professor de biologia. A gente tinha dois, mas um deles foi muito marcante para mim. Ele era uma pessoa muito legal, uma pessoa que eu conseguia tranquilamente me inspirar e durante o período dos seis meses aí, mais pros finais do ano que eu participei desse cursinho, eu tive cada vez mais contato com esse professor e com outros. Então, nesse período eu cogitei cursar outras coisas que também me interessavam e que os professores ali incentivavam, no sentido de que eram professores tão inspiradores que eu gostaria de ser minimamente parecida com eles. E mais, nem cogitava realmente a questão da docência, simplesmente porque eram pessoas legais, traziam conhecimentos legais e eu queria aquilo. E então eu pensei em cursar História, Psicologia e Ciências Biológicas.

(...) Foi algo muito legal e mantivemos o contato inclusive com esse professor que tanto incentivou a gente durante todo esse processo também. E assim, em 2017 eu entrei no curso de Ciências Biológicas da UFSC.

Durante o começo da graduação, eu senti que eu estava bastante perdida, porque a sensação que dava é que todos os meus colegas se apaixonaram por alguma coisa, por alguma área logo no começo do curso. Eu gostava de muitas coisas, mas eu não amava nenhuma delas e essa era a sensação constante que eu achava tudo bem legal. (...) Eu terminei o primeiro ano da graduação sem amar realmente alguma coisa e foi em 2018, se eu não me engano, que eu estava numa disciplina, uma disciplina que eu gostava bastante, com uma professora que eu gostava bastante também, e ela comentou que tinha o processo seletivo pro PIBID. Comentou o que era o Programa, falou que tinha bolsa, que era bastante legal, que ela iria coordenar o projeto junto com outros professores que eu não conhecia muito bem e incentivou. (...) Foi quando uma outra colega me parou e ela, já desde o primeiro semestre, participava de laboratório, sabia muito bem o que queria. Ela me parou e disse que ela achava que era a minha cara e que achava que eu ia gostar

bastante. E nossa, eu acho que eu levava bastante em consideração a opinião dela que eu falei, “tu achas? Então vou foi atrás de ver o que que é.” E aí quando eu fui ver o que era o PIBID, eu falei “*bom, talvez eu possa gostar, né? Não sei.*” Foi durante o processo de inscrição do PIBID que eu realmente parei para pensar sobre a minha trajetória até ali.

(...)

Para finalizar esse momento de entrada no PIBID, que eu entrei logo na primeira chamada do processo seletivo, eu acho bem importante também comentar o momento da entrevista, porque logo depois da sua inscrição pegar todos os dados e te mandar essa carta de intenção, teve também uma entrevista com os professores orientadores e pra mim, nossa, participar daquela entrevista deu muito uma sensação de que eu poderia estar ali em um momento futuro, sabe? Eu olhava aquelas pessoas e eu falava: “nossa, eu acho que esse seria um trabalho em que eu me encantaria, seria uma coisa que eu gostaria de fazer”.

2.5.1.4. Entrevistado 03:

(...) Nasci em 3 de janeiro de 1999 e vou contar um pouco da minha jornada. Acho que a minha história começa muito cedo, numa casa que ficava perto de um lago lá em Londrina, no norte do Paraná. Esse lago tinha um parque ao redor, um parque aberto, não tinha grades nem nada, o famoso “Lago lá pó” [Igapó], qualquer um pode chegar a qualquer momento em qualquer pedaço dele. A minha casa tinha uma área verde gostosa. Em frente tinha uma varanda, tinha uma árvore que não sei qual era, um pé de mamão, uns arbustinhos e uma graminha, não era muito grande, mas para mim era grande (...). Acho que ali foi quando eu comecei a criar gosto pela ideia de mato e dos bichinhos, porque gostava de ver os insetinhos que passavam por lá.

Os anos se passaram, quando eu tinha ali uns 8 ou 9 anos, meu pai trouxe um computador para casa, ele trabalha com computador a mais de 50 anos, como técnico, então em uma boa parte da minha infância o computador sempre esteve presente e eu acho que isso foi muito importante para desenvolver os gostos pela ciência, por descobertas, por novidades, por jogos, por tecnologia que eu tenho hoje.

(...) Durante o ensino médio eu já criei muito gosto por explicar, por ensinar, por contar coisas para as pessoas e comecei a, de certa maneira, virar um contador

de histórias e acho que umas das histórias que a gente conta é sobre as disciplinas. Explicava algumas coisas para os colegas, tirava dúvidas, sempre tive alguma facilidade com o ensino regular (...). Eu não pretendia fazer o ENEM, queria fazer só o vestibular lá de Londrina para Design Gráfico mas, pelo destino, eu fiz o ENEM e pela ajuda de uma amiga, joguei a nota aqui para a UFSC e passei. Vim para a Biologia aqui, realizando também um grande sonho que era sair de Londrina, eu estava em um momento que era muito ruim para mim o estar lá, por isso vim para cá. Comecei morando com a minha irmã, depois de um ano com ela comecei a morar sozinho e desde então tem sido assim.

(...) Peguei uma monitoria quando estava na segunda fase. Monitoria essa que me fez reprovar em matemática, porque eram no mesmo horário a monitoria e a aula que eu tinha de matemática. Bom, eu preferi ir para a monitoria e apesar de não ter tido um papel de docente ali, de ir dar aula e tal, teve um papel de planejamento. Eu conversava com a professora, a gente pensava algumas aulas, pensava algumas propostas e eu achava isso muito legal. Eu acho que isso foi crescendo e dando forma para esse sentimento que eu já tinha desde mais cedo.

Eu já não lembro direito se estava na terceira ou na quarta fase e tinha aberto edital para o PIBID. Naquela época, diferente de hoje no CCB e na UFSC, principalmente, o PIBID não era uma incógnita, o PIBID estava ativo antes daquele edital em que eu me inscrevi, então eu sempre via pessoas do PIBID, via pessoas falando sobre o PIBID, então existia uma ideia do que era o PIBID, isso também sobre os momentos em que as pessoas vão em sala para falar sobre o projeto. Eu achava o projeto muito legal, me inscrevi, tinha bolsa também e eu estava super precisando de grana, então me inscrevi mais pensando até na bolsa em um primeiro momento, depois que eu vi que realmente era uma coisa que eu gostaria de fazer.

(...) Nos primeiros 2 meses eu não fui selecionado. Aí alguém desistiu do Programa e eu recebi um e-mail da coordenação do curso falando que havia ali uma vaga para mim, que eu tinha que resolver aquilo naquela mesma semana e foi isso, dito e feito. Fui atrás para resolver e na semana seguinte já estava fazendo parte desse projeto naquela primeira reunião ali e, depois, dentro das escolas.

(...) Muito do mercado de trabalho é o famoso QI (Quem Indica), então conhecer gente e ter referências tanto de lugares, quanto de pessoas, quanto de comportamentos e de como fazer as coisas, eu já sabia que o PIBID iria me trazer isso e enfim. Acho que esse foi um dos motivos de ter me inscrito logo no início,

diferente de alguns outros programas do curso em que eu via um valor, mas não me chamavam tanto a atenção quanto o PIBID.

Com base no conhecimento que juntamos até o momento sobre a jornada do herói e a construção de arcos de personagens podemos fazer algumas análises desse primeiro ATO do presente trabalho. Fomos, por todos os entrevistados, apresentados ao seu mundo comum, onde suas crenças imperam e tivemos acesso aos seus “chamado para a aventura”. Ainda que cada um tenha tido uma construção cultural bem diferente dos demais, alguns fatores permitiram uma certa repetição em todas as histórias, principalmente no que tange a ideia do mentor como o(s) personagem(s) responsáveis por incentivar nossos heróis a se aventurarem rumo ao desconhecido. Todos advêm de escolas públicas e nesse meio, buscando seguir carreiras diversas e se encontrando perdidos nesse processo, tiveram acesso a figura do mentor (em alguns casos sendo mais de uma pessoa) que lhes indicou um caminho e os incentivou, lhes mostrando uma nova possibilidade.

Quando paramos para analisar as crenças que cada um dos nossos personagens tinha naquela época, também podemos ser levados a compreender os seus pontos de partida: Emmanuel e entrevistado 02 não buscavam inicialmente a docência, mas, por meio de incentivos de pessoas dentro do próprio curso, se abriram a essa oportunidade. O entrevistado 01 e o entrevistado 03 já tinham uma visão um pouco diferente com relação a isso e buscaram se jogar de cabeça nessa oportunidade, cada um por seus motivos particulares, mas sempre pautados no desejo e no gosto de aprender e ensinar. Tendo isso em mente podemos prosseguir para o ATO 2 de nossa jornada, no qual abordaremos a influência do PIBID em nossa visão enquanto já bolsistas do Programa e os processos de formação pelos quais tivemos acesso.

2.5.2. Ato 02

2.5.2.1. Emmanuel:

(...)

Nos meus primeiros dias no PIBID eu me sentia como um fone de ouvido sendo tocado de uma forma errada. Era quase se aquele espaço não me

pertencesse de verdade, sabe? Os motivos que me levaram a estar ali eram muito curiosos e simples, mas ainda eram bons motivos. Dentro das formações iniciais, nós discutimos bastante sobre observar as coisas sob outros pontos de vista, mostrando que cada um tinha a sua própria maneira de ver o mundo e se comportar com ele ao seu redor. Naquele momento ocorreu o meu primeiro estalo mental: todos nós, realmente, somos seres únicos e com potenciais diferentes. (...) Eu sou apaixonado por conhecimento, eu adoro estudar sobre coisas que me fascinam e saber o porquê de tudo funcionar da forma que funciona, mas tratar com a educação, da forma com a qual estávamos fazendo era algo completamente novo pra mim.

As formações foram passando, alguns meses de nivelamento teórico para podermos realizar a primeira visita à escola em que eu e meu grupo passaríamos o ano estagiando. Foi assustador e ao mesmo tempo encantador. Faziam poucos anos que eu havia saído do ensino médio e entrado para o ensino superior, mas ao colocar os pés em uma escola nova, isso soou como uma eternidade. Ela era diferente de tudo com o qual eu estava acostumado, era pequena, colorida, cheia de vida e sons, um isolamento acústico não tão bom assim, ou apenas crianças cheias de energia se esgoelando. Algumas grades, mas portas sempre abertas, como se tivessem total confiança naqueles que estavam presentes no espaço. Adultos cuidavam de tudo, isso é fato, observavam das janelas da secretaria o que acontecia, mas é como se todos soubessem a quem a escola pertencia: às crianças.

(...)

Alguns de nós, falo mais sobre mim, admito, só conseguiram parar para observar tudo o que aconteceu no final do ano letivo. Sabia que meus alunos fizeram uma grande apresentação, para toda a escola apresentando tudo o que fizeram durante o ano? Pois é... mostraram os trabalhos que fizemos sobre os diferentes tipos de lixo, as pesquisas no bosque da escola sobre fungos, pássaros, suas saídas a campo conhecendo novos lugares e entendendo o funcionamento do entorno da escola. Ainda que alguns não fossem inteiramente letrados, buscamos durante todo o ano, atendê-los da melhor forma possível, extraindo de forma positiva o melhor de suas capacidades e aspirações, observando o seu desenvolvimento como seres pensantes e com suas próprias vontades e desejos (tudo bem que em alguns momentos a bagunça e o caos falavam mais alto, mas conseguimos controlar isso mesmo assim). (...) De verdade? Eu não sei se tenho como descrever em

palavras toda aquela emoção de presenciar aqueles seres diminutos do quarto ano, se empoderando como gigantes de temas que estavam estudando e dando verdadeiras aulas para todos que chegavam para ver os trabalhos. Eles explicavam com tanto carinho e vontade sobre os diferentes tipos de lixo que podemos encontrar na escola, pensando em toda a cadeia de produção desse lixo e o como também funcionava sua distribuição dentro dos arredores da escola, nos diferentes locais visitados, que chega a dar vontade de chorar.

Talvez nada disso pareça muito emocionante para você, mas essa ainda é a minha jornada. Houve inúmeras coisas que não foram contadas, momentos de conversa com os meus colegas e demais supervisores que nem cogitados, para esse trabalho, foram. (...) É como um plano de aula, acredito, você sabe o que quer, mas cada aluno demanda uma atenção diferente e, no fim, o resultado talvez importe mais do que os meios usados para isso.

2.5.2.2. *Entrevistado 01:*

Eu ainda sinto falta da turminha do sexto ano. Ainda sinto falta das experiências que tive lá naquele PIBID. (...) Nos primeiros seis meses do PIBID foi um momento mais exploratório, então a gente foi conhecer a escola, o bairro e ao redor, foi conhecer a coordenação pedagógica, como funcionava a relação entre a comunidade e a escola, dos pais e dos alunos com a escola e então todas as relações que estão e que são muito importantes, que muitas vezes as pessoas nem imaginam que fazem parte do papel do professor mapear essas informações para poder pensar na educação de seus filhos, por exemplo. (...) A escola onde eu trabalhava era de ensino integral. Então, alunos com dificuldades vinham em outro momento na escola, no outro período, geralmente no seu contraturno, para fazer uma reposição de conteúdo. Porém, a ideia era que essas aulas de reposição fossem completamente diferentes da sala, dentro de como eram as aulas na sala de aula. Eu nunca me esqueci da professora da sala multimeios, que é a sala responsável por dar acessibilidade aos materiais e também do conteúdo a ser passado pelos professores para alunos com necessidades especiais ou alunos que precisam de acessibilidade mesmo. Ela chegou, virou assim pra gente e falou “Quando você ensina alguma coisa, você não pode ensinar apenas uma vez. E mais ainda, não vai adiantar você explicar dez vezes da mesma forma. Se você explicou

uma vez e alguns alunos não entenderam, não é explicando dez vezes da mesma forma que eles vão entender.” Então essa frase me pegou muito porque me fez ter contato pela primeira vez com uma dinâmica da educação que não é mostrada pra gente, você só vê na prática, né? Que é entender que a todo momento você precisa ser flexível e você precisa entender e dominar muito bem certos conteúdos e assuntos, porque você precisa ser criativo, precisa saber de que forma aquilo vai ser mais acessível para os seus alunos.

(...) Eu fui levar um grupo de quatro crianças para o bosque pra gente procurar tipos de solos diferentes e naquela animação de “que tipos de solo que são esses que a gente está vendo? É um solo argiloso? É um solo arenoso?” (...) quando alguns dos alunos vieram “profe, profe” e outros alunos vieram “profe isso” e “profe aquilo”. Eu parei por 2 segundos, travei e pensei “ok, eu não sou mais aluna aqui dentro, agora eu sou professora”. E foi nesse momento que eu digo que foi o momento que eu me tornei professora. Foi no momento em que eu entendi a minha responsabilidade e qual era o meu papel ali de não só aprender, mas também de ensinar e guiar meus alunos.

Aquele dia foi mágico, me lembro até do momento em que eu parei assim e senti o vento por alguns segundos, olhei para as árvores, para suas lindas folhas fazendo sombras com o sol e voltei já entendida da minha posição e do meu papel.

(...)

A experiência com o sexto ano foi maravilhosa e foi muito desafiador. Eu aprendi muito, muito mesmo. Mas ela foi muito leve, muito gostosa mesmo.

(...)

Uma das formas da professora ensinar o movimento de translação era falar para eles que o sol ficava paradinho no centro e a Terra gira ao redor do sol e a partir do momento em que na minha fala eu falei que o sol girava em si mesmo, esse aluno viu um conceito errado que trouxe pra mim e foi um momento muito mágico, porque eu virei pra ele e disse assim: “olha, a profe pode pesquisar mais e muito obrigado por ter trazido essa contribuição.” E naquele momento eu fiquei muito animada. Eu pensei: *nossa, vou pesquisar, vou trazer isso para esse aluno*. Porém aconteceu uma coisa muito chata, porque um dos meus colegas do PIBID, começou a literalmente me zoar, a brincar comigo, a me julgar por eu ter feito e por eu ter errado, ou por ter feito uma prática não adequada e aquilo foi horrível, horrível pra mim. Então o PIBID me trouxe muito essa questão de o quanto é difícil você

trabalhar em equipe, muito difícil trabalhar em equipe ao mesmo tempo que eu tinha ali experiências de dupla docente, de professores em sala de aula, ou seja, professor da matéria X e a pedagoga. Eu não tinha isso com os meus colegas e foi uma experiência bem complicada. Tanto que no final a gente não se despediu da turma. A gente não fez nada para se despedir deles, porque simplesmente aquela equipe não fazia mais sentido.

(...) Os dias que eu ia pro PIBID eu me deslocava cerca de 100KM da minha casa para o extremo norte, após isso para a UFSC e depois a voltava da minha casa. Mas eu não sei porque aquilo não me pesava tanto, porque eu chegava lá e por mais cansada que eu estivesse, eles faziam valer a pena. O tanto que eu aprendi o tanto que eu trocava com eles, fazia tudo valer a pena. Entrar naquela escola florida, colorida, fazia tudo valer a pena.

(...)

As experiências são muito diferentes entre os PIBIDs, mas ali a forma como eu lidei com minha professora supervisora e com as coordenadoras foi perfeito. Mesmo que eu e minha equipe a gente não se dava bem, a gente não se via como colegas num trabalho. A gente conseguia ainda manter práticas que nos ensinaram muito e que a gente também pode ensinar às crianças por conta disso.

Acho que essas foram um pouco das minhas experiências sobre o PIBID e falando sobre questões de campo e é inesquecível. Eu falo que eu ainda sinto falta porque hoje eu faço estágio, mas não é a mesma sensação, não é a mesma situação.

2.5.2.3. *Entrevistado 02:*

(...) a minha experiência na escola foi completamente diferente de outras experiências que eu já tive. Redundante, porque mesmo que você perguntasse para outra pessoa que estivesse acompanhando a mesma escola que eu, a experiência seria muito diferente da minha, mas principalmente porque eu estava numa situação bem curiosa. A escola em que eu fui designada com o meu grupo do PIBID era a única escola de zona rural do grupo, do grande grupo do PIBID Biologia UFSC e uma das únicas, senão a única, não tenho certeza, da Grande Florianópolis. (...) Esse foi um primeiro semestre em que aconteceram muitas formações e foi um tempo que eu só fui entender depois quão importante foi, porque quando os

professores diziam que era o momento de a gente conhecer a escola e conhecer aquela realidade, eu não dei, naquele momento, tanta importância pra isso. E só depois eu fui perceber que realmente as atividades que a gente faz e o jeito que a gente faz elas, só vai dar certo e vai depender completamente do espaço que a gente está realizando, de qual é o contexto social daquelas crianças. E entender isso foi de extrema importância e hoje eu consigo perceber o quanto o trabalho do PIBID foi realmente completo, coisa que eu não entendi durante aquele segundo semestre de 2018, porque eu era aquela criança saltitante que só queria prestar atenção em uma coisa: dentro da sala de aula.

Então eu lembro desse primeiro semestre ser bem marcado, com muitas reuniões, vários momentos discutindo com a professora para entender qual era a realidade daqueles estudantes, conhecendo a escola andando por ela, fazendo algumas pesquisas, falando diretamente com os alunos. Nisso nós descobrimos que a escola era super pequena, tinha apenas uma turma de cada ano, em cada período, então só tinha um sexto ano no período matutino, um sexto ano no período vespertino e assim vai. O meu grupo ficou responsável pelo ensino fundamental dois, a ideia era que cada pequeno grupo ficasse responsável por uma turma, mas nós éramos poucos. Não daria para ficar uma pessoa apenas por turma. A ideia era ser um trabalho coletivo, então iríamos ficar com algumas turmas em específico. Só que ao longo desse semestre de 2018.2, em que a gente fazia essas decisões e decidia realmente qual turma ia fazer parte e qual não do projeto, os alunos começaram a se acostumar com as nossas idas à escola e começaram a realmente questionar por que uma turma foi escolhida em detrimento da outra. E como já era uma escola pequena, decidimos como grupo que faríamos as atividades em todas as turmas do ensino fundamental dois. Os pibidianos desse grupo ficaram com a única professora de ciências da escola por todo o fundamental dois ao invés de escolher apenas uma única turma, o que era a realidade de outras escolas, outros grupos do nosso grande grupo do PIBID e de outros grupos que estavam em outras escolas. (...) Em 2019 foi o momento em que a minha criança interior parou de pular e eu lembro que no primeiro dia que eu fui entrar em sala, eu estava parada na porta da sala e eu olhei para a nossa professora/coordenadora, eu acho que é coordenadora que chama e falei pra ela “eu estou muito nervosa. Eu não dormi ontem pensando quais eram as coisas que eu iria falar, o que, como que eu iria abordar cada coisa, as nossas ideias.”

(...) No momento que eu entrei em sala, no momento que eu estava na frente daqueles alunos que a gente começou a conversar em todo momento eu sabia como eu ia me portar, eu sabia o que eu ia falar. Às vezes surgia alguma coisa diferente, mas que fazia sentido e eu complementava. (...)

Eu sabia que isso não tinha sido da mesma forma para todos os colegas, mas eu me senti realmente confortável naquele espaço, naquela posição, e virou algo para mim que eu não tinha tanta dificuldade assim de fazer. Percebi conversando com uns colegas que eu tinha uma facilidade bem grande para lidar com aquelas crianças, com aquela faixa etária e acho que uma coisa bem importante disso foi eu ter pensado sobre o antes, igual foi comentado lá no ATO 01, eu tive na minha carta de intenção para o PIBID que pensar sobre a minha vida, pensar sobre essas escolhas. Eu já estava me identificando naquele momento, sabe? Então, quando eu consegui ficar com essa faixa etária, trabalhar temas que eu já me interessava com essas crianças que eu já tinha conhecido minimamente no semestre anterior, isso foi muito mais tranquilo para mim

(...) No PIBID de 2019 eu senti que em vários momentos eu pude mesmo tomar frente eu e outros colegas, tomar a frente, dar muitas ideias. (...) Na metade do ano, no início do semestre de 2019.2, teve alguns ajustes em relação aos bolsistas e nesse semestre uma colega muito próxima de mim entrou no PIBID também. Alguém que eu já tinha contato antes, que eu já sabia que eu trabalhava muito bem e isso foi ainda melhor, porque daí eu sempre sentia que eu tinha um apoio que antes, em alguns momentos dos meus colegas, eu sentia que faltava um pouco. E isso foi bem importante, porque com essa entrada, todas as ideias que eu tinha, eu sempre tinha alguém para compartilhar antes de levar para o grande grupo. (...) E aí no final do ano de 2019, inclusive com essas duas colegas, eu ainda escrevi um artigo acadêmico. O meu primeiro artigo acadêmico relacionando com essa experiência, foi o relato de experiência com a experiência do PIBID da UFSC, então foi muito legal, porque além de tudo, a gente conseguiu mostrar qual foi o trabalho que a gente fez, todas as etapas dele, então deu para aproveitar bastante isso e ainda mostrar para as pessoas o que a gente estava fazendo no PIBID.

2.5.2.4. Entrevistado 03:

Bom, depois que eu entrei no PIBID eu acho que a minha vida mudou drasticamente. Eu passei, não sei, são muitas coisas para dizer, mas eu acho que a coisa começa na concretização de perceber *que aquele ambiente que eu achei* que seria um ambiente de formação e de troca de ideias, de conhecer pessoas, ele se confirmou essa expectativa, esse imaginário que eu tinha. E isso foi muito louco, porque desde o início, que eu comecei a fazer parte. Não foi desde o início de fato, do PIBID naquele ano, mas foi muito bom. Eu me sentia muito acolhido ali dentro, cercado de pessoas que eu gostava, algumas conhecidas de vista e que eu agora sabia que eu ia poder conhecer um pouco mais. Eu fui colocado num grupo que já estava montado porque eu entrei com a saída de outra pessoa e era um grupo que estava trabalhando numa escola de educação de jovens e adultos, a EJA.

Eu sou muito grata por ter tido essa experiência, porque depois de alguns encontros presenciais/teóricos, a gente foi de fato para dentro da sala de aula por vários meses, acompanhando a Michelle, que era a nossa tutora e no máximo fazendo um acompanhamento para os alunos. Mas nós não tínhamos esse local de regência, não éramos nós que dávamos aula de fato. Às vezes nós estávamos como professores auxiliares e era muito bom. Eu conheci a EJA por causa do PIBID e isso se mostrou como um lado do ensino, da educação, que eu acho muito interessante, eu acho que aí já é o local em que a gente mais consegue sentir que o valor do aprender, sentir a diferença que o conhecimento e uma educação um pouco mais aprofundada fazem para as pessoas. E eu digo isso não só pela minha experiência com o PIBID, mas porque hoje eu sou professor de EJA e se hoje eu sou professor de EJA, é porque no PIBID eu passei pela EJA (...).

Claro que a gente conversava muito com a Michelle. A Michelle era a pessoa que fazia a nossa mediação com a EJA para nós entendermos esse espaço e nos colocar ali dentro, mas mexer na horta e transformar numa horta pedagógica, nisso a gente não tinha a menor ideia do que fazer...

(...) Foi a melhor experiência de docência que eu já tive, no sentido de tranquilidade. É um trabalho tranquilo você estar naquele cenário com pessoas que estão na sala de aula porque querem estar ali. Você se sente motivado a fazer o que você está fazendo e é muito interessante. É muito contrastante com a maior parte das realidades dos professores. Tanto com o que a gente viveu, quanto com o que a gente escuta falar, então é muito louco e foi muito bom. Enfim, lá no GETI a gente também fez uma horta, foi uma horta vertical, mas essa deu mais certo. As alunas

eram engajadas, elas levavam coisas pra casa e foi muito bom. Mas eu acho que é isso.

Falando assim, sem sombra de dúvidas, a experiência que tive na EJA oportunizada pelo PIBID foi a experiência mais importante e gratificante que eu tive na minha graduação.

Todos tiveram experiências bem distintas lidando com os seus subgrupos e cada uma dessas experiências mostrou algo beirando o fantástico. As escolhas iniciais dos nossos grupos partiram de nossa disponibilidade para estar na escola, com os horários base, naquelas semanas de conhecimento e desenvolvimento de laços com a comunidade, sendo pautados nos horários que estaríamos livres das aulas da faculdade e partir disso os subgrupos foram formados. Imagino que tenha sido possível verificar que cada um acabou tendo uma forma de fomentar atividades de apoio diferentes dos demais, mas sempre com a presença de suas supervisoras/tutoras na construção e acompanhamento desta jornada. Essas tutoras adquiriram o papel de nossas novas mestras, das pessoas sábias que estariam ali para nos ajudar com os dilemas que estivemos passando e nós, como pibidianos, estaríamos disponíveis para auxiliá-las em sala de aula e fora dela, nos embrenhando cada vez mais no caminho da docência. O ATO 02 de todos nós apresentou diversos pontos em comum, entre eles o processo de descoberta deste novo mundo e um pouco de nossas falhas traçando essa caminhada.

É extremamente interessante analisarmos também os arcos de personagem que cada um de nossos heróis vem tendo em suas jornadas. Nosso entrevistado 01, por exemplo, entrou próximo a um clímax de um arco de desilusão, ao ser ironizado pelos seus colegas de subgrupo e ver um pouco da sua crença sobre os ideais de trabalho em grupo e docência serem alterados gradativamente, ainda que salvos no final de sua narrativa. Quanto aos demais, Emmanuel, por incrível que pareça, poderia vir a desenvolver um arco positivo já que vem saindo de uma visão neutra-negativa, para uma forma mais positiva e sensível de enxergar a docência. Por outro lado, nossos entrevistados 02 e 03 não aparentam desenvolver grandes alterações em sua forma inicial de ver o mundo, alterando apenas, de forma gradual, o seu crescimento como heróis formadores de seus próprios arcos e amadurecendo suas crenças de forma positiva.

As histórias têm se desenvolvido de uma forma muito acolhedora, nossos heróis, em diversos níveis, têm demonstrado um pouco de suas fraquezas durante

esse processo de transformação. Suas jornadas a cada momento se tornam ainda mais únicas e ficamos interessados em saber de que forma os outros bolsistas de seus subgrupos vieram a se desenvolver durante esse mesmo tempo. Agora, já tendo nos apegado a alguns personagens, podemos ser levados aos fins derradeiros de suas histórias e verificarmos a que conclusão nossos heróis chegaram sobre sua passagem pelo PIBID e como eles tem enxergado o exercício da docência na atualidade.

2.5.3. Entre desígnios e metamorfoses¹⁰ - A terceira pessoa

A ideia inicial dessa parte seria verificar na íntegra o como esse desenvolvimento final se deu para cada um. Acredito que para tal, eu deveria apresentar algumas partes de suas histórias que pudessem nos levar às conclusões desejadas, mas talvez isso acabaria por enfraquecer o peso das histórias, dos pensamentos e das caminhadas que tivemos com nossos heróis.

Eu, Emmanuel, não gostaria que esse trabalho fosse visto de uma única forma, com um viés tão objetivo e pouco poético. Isso me frustraria de inúmeras formas e pensando nisso, vou propor a você que lê esse projeto ambicioso, que busque se aventurar comigo e, agora sem ter ideia de quem são os entrevistados apresentados na ordem a seguir, se sintam no desejo de escutar, ao final do próximo capítulo as histórias de nossos entrevistados na íntegra, na forma de uma audioprodução que poderá ser usada em diferentes momentos da sua caminhada e se sentirem tocados (quem sabe) pelas suas vozes e sentimentos ao contarem sobre suas próprias narrativas heroicas. Penso dessa forma porque o áudio, de forma geral, mas principalmente na construção desse trabalho, teve um peso enorme na forma em que eu me relacionei com essas pessoas. O áudio me move e compartilhar sensações também faz parte do exercício da docência.

¹⁰ Você pode ter acesso aos ATOs que foram gravados e editados na forma de podcast. Deixei, ao final do trabalho, um link que permite acessá-los. Se desejar fazer isso antes de prosseguir com o trabalho, o que é uma possibilidade e até indicado em algumas casos, deixo aqui o link de acesso direto a plataforma onde subi digitalmente os arquivos: <https://on.soundcloud.com/nhwVa>

2.5.3.1. Entrevistado XX:

Vamos ver se eu entendi esse pedaço agora, então é mais sobre a memória, o que ficou, como a gente percebe o que foi esse processo na nossa vida, né? Se não for isso, me avise que vou falar com base nisso. Bom, hoje quando eu olho para trás e eu penso no PIBID, eu vejo que ele ocupa um espaço muito importante de quem sou eu e do que é a minha construção como profissional, como educador, como biólogo e como sujeito que age no mundo. A gente tem uma formação para licenciatura que é muito voltada para o ensino regular clássico, para a escola como deveria ser para todos. (...) Existe um currículo para ser cumprido, existe um conteúdo (...). Então existe um outro esquema que formata a gente como professor. (...) A gente aprende a sair dessa postura de professor como alguém que realmente está ali para trazer informação pra turma e a gente passa a ser mais alguém que está ali para ajudar a fazer aquilo que eles sabem ganhar em corpo e tomar em sentido, a partir de conhecimentos propedêuticos, os conhecimentos científicos mais embasados. Mas ali sim, a gente dialoga com os nossos educandos.

Essa percepção começou quando eu estava no PIBID, (...) vendo aquela realidade e entendendo que aquelas pessoas que estão ali não são educandos comuns como os outros ali do ensino regular, que existem demandas, existem faltas e que aquelas pessoas estão ali porque o outro sistema de ensino não as acolheu.

(...)

Eu vejo o PIBID como essa parte fundamental, meio de mim e eu também vejo o PIBID como um espaço que deveria ser institucionalizado, como algo obrigatório e sei lá, que os cursos de licenciatura todos deveriam ter um aporte do programa do PIBID e que houvesse uma divulgação massiva sobre isso dentro dos cursos, para que não aconteça como tem acontecido, das pessoas não saberem o que é esse Programa, das pessoas que estão na licenciatura não terem vontade de participar porque nunca ouviram falar e o pouco que sabem não os atrai... Porque, o PIBID, ele é revolucionário. (...) o PIBID ele é para você, porque a gente não entra na sala com a responsabilidade de ser um professor, com aquela pressão do estágio, com as incumbências de ser o regente, de ser um profissional da área. A gente entra ali como estudante, como pessoas que estão ali aprendendo, acompanhando, observando, praticando e conhecendo esse cenário que é o mundo escolar em suas diversas faces.

(...) A experiência mais marcante, mais gratificante e mais recompensadora pessoalmente que eu tive ao longo dos meus seis anos na faculdade, de um projeto fantástico. E enfim, eu acho que é assim que eu vejo essa coisa incrível, esse projeto incrível e esse movimento incrível que é o de preparar educadores, de se envolver com a universidade, de fazer uma parceria entre escolas públicas e um ambiente universitário e como isso é enriquecedor para todas as partes que fazem parte. Para o professor que está lá como tutor, para os alunos que estão ali acompanhando, para as pessoas na escola em que o PIBID vai atuar e para a graduação, com a troca que essas pessoas que fazem parte do PIBID podem trazer para suas aulas, para o seu currículo, para a sua formação, para o seu estudo ali. Enfim, o PIBID é incrível, é algo que eu guardo com muito carinho, é uma lembrança que eu terei pela eternidade, assim como algo muito bom. Eu acho que é isso.

2.5.3.2. *Entrevistado XY:*

Eu acho que eu gostaria de concluir a minha história trazendo algumas considerações. Hoje eu faço estágio, né? O estágio tem uma configuração muito parecida com o PIBID, mas eu não tenho aquela liberdade que eu tinha no PIBID, então sinto muita falta daquilo. Eu acho que talvez eu só vou conseguir ter essa liberdade quando for dentro de sala de aula. O PIBID me fez reafirmar que sim, eu queria ser professora. Mas eu não queria só ser professora, eu queria ser cientista e professora. Porque eu acho que ensinar a ser professor vai muito além do que entrar numa sala de aula e o professor, ele tem que observar, professor tem que analisar, professor tem que aplicar essas metodologias. Depois ver os resultados, discutir sobre eles, compartilhar com outras pessoas. (...) A diferença é que na educação os seus objetos de estudo conversam com você, os seus objetos de estudo chegam te contando histórias, os seus objetos de estudo chegam chamando de 'profes', seus objetos de estudo são pessoas, são humanos, são seres livres e é um processo de se entender no mundo como pessoa e como indivíduo, o que torna o trabalho na educação muito mais rico, mas também com uma responsabilidade muito maior que eu acho que muitas vezes a gente não percebe, como professor, da nossa responsabilidade aqui dentro.

A rotina é muito cansativa, muito mesmo. É um entra de turma, sai de turma e a gente acaba ficando dessensibilizado para certos temas. (...) Acho que o PIBID me ensinou tudo isso, ao ficar como uma observadora do processo de ensino aprendizagem, da profissão, (...) me fez entender que ser professor é ter muita responsabilidade, é ser um cientista, ser observado, mas com muita cautela e com muito zelo pelo seu “objeto de estudo.”

(...) Era tudo muito legal, acordar de manhã cedo para ir à escola e é incrível porque passa e eu não consigo fixar as péssimas experiências. Eu sei que as experiências ruins que eu presenciei no PIBID me fizeram amadurecer muito, muito mesmo, eu reconheço elas e reconheço muitas delas. Mas no fundo o que ficou mesmo foram as coisas boas. Eu acho que é assim que tem que ser. As coisas ruins, elas nos fazem amadurecer, nos fazem ver as coisas de outra forma, talvez não tão bonita como a experiência que eu estou tendo agora e tudo, mas elas não ficam, né? Elas não ficam conscientemente ali, porque o que fica são as lembranças boas e acho que isso é muito importante.

(...) Eu digo facilmente para os meus colegas que, se você fez um PIBID, o estágio fica até chato, porque teoricamente o estágio é o momento para você atuar, né? E o PIBID é um momento para você ver se você quer realmente atuar nesse estágio. Então eu defendo que o PIBID deveria ser para todos os estudantes da licenciatura. Acho que todos eles deveriam passar por esse momento, porque ter isso no estágio é muito triste, muito triste mesmo, porque você vai se deparar com outras realidades, com outras questões, que você não pode simplesmente fugir, porque você é o responsável. Vai chegar o momento em que você vai ter que dar aula para a turma, coisa que no PIBID você não faria, você observava. Chega um momento em que você não pode fugir, porque se você fugir, você não se forma, né? Fugir no bom sentido, porque você não poderia fugir do PIBID, mas você poderia chegar e dizer para o seu coordenador: “Olha, eu acho que isso não é para mim, prefiro que essa vaga fique para outra pessoa. Eu vou seguir meu rumo.” Não tem como.

(...)E eu acho que como mensagem final, toda vez que eu penso no PIBID, acho que eu penso um pouco na música ‘O que é o que é’ de Gonzaguinha e eu fico com a pureza da resposta das crianças para o que é a vida? “É bonita, é bonita e é bonita”, é isso que elas trazem para a gente.

Entrevistado XZ:

A educação, para mim, sempre foi um exercício de comunicação. Você precisa encontrar formas de mostrar para as outras pessoas o que você deseja, de um jeito compreensível e simples, para que ela consiga replicar isso em diferentes situações. Ao escolher não me comunicar com as pessoas, eu deixei de lado essa premissa e isso acabou me afastando cada vez mais da ideia de ensinar outras pessoas. (...) Basicamente: eu adoro o silêncio e as salas de aula nunca me dariam isso, ainda mais partindo do tipo de ensino participativo que eu acredito ser o mais eficiente, mas sou levado a acreditar que essa discussão entraria muito em arcabouços teóricos que não seriam nosso tema inicial.

Ter participado do PIBID, principalmente da edição de 2018~2019, me apresentou a temas muito pertinentes e aos fatores que são associados a esses temas. Um exemplo não tão simples talvez, seriam os elementos que compõem uma escola, não sendo restritos apenas ao corpo docente e a coordenação. Quantos colaboradores existem em uma instituição de ensino? Não apenas trabalhadores, mas os próprios pais dos alunos. Em quantas escolas os professores se reúnem nos conselhos de classe de suas respectivas turmas para realmente discutir pontos de melhorias e trocarem experiências para auxiliar alunos que estão com problemas? Quantas histórias circulam pelos corredores de uma escola, dos mais diversos tipos, desde lendas urbanas até lágrimas de alunos que foram mal em suas provas e sentem que serão castigados quando voltarem a sua residência. (...)

Lembrar do PIBID me evoca memórias e por incrível que pareça, todas elas são boas, até mesmo as de acordar extremamente cedo apenas para pegar um ônibus para ir ao norte da ilha, morrendo de sono. No fim, todas essas coisas faziam sentido e geram sensações boas porque alguns seres de pouco mais de 1 metro de altura me chamavam de professor ou só resolviam implicar com as atividades que nosso grupo propunha. Hoje eu sinto falta disso.

Eu acredito que posso dizer, com imensa tranquilidade, que a minha verdade não teve mudança: ainda não desejo ser professor. Mas é necessário admitir que durante o programa houve sim momentos de dúvida se era algo que eu realmente gostaria, mas no final, nos nossos momentos de formação a fala de um dos Coordenadores me fez ver que eu estava no caminho certo, porquê o PIBID é um ótimo Programa para aqueles que possuem dúvidas sobre seguir ou não a

carreira de professor, sem que eles precisem gastar 5 anos de suas vidas estudando para isso e se frustrarem no final de tudo.

(...) a história terminou e essa foi a minha conclusão sobre minha própria jornada. Eu fui transformado, cresci, amadureci em diversos aspectos, principalmente nos emocionais. Fiz diferença na vida de muitas crianças que também transformaram a minha vida de formas que eles nem imaginam. Gosto de quando o NILL, em sua música “Tchau, Regina!” É extremamente honesto dizendo: ‘O tempo passa e o que fica é saudade [...]’, porque no fim é isso mesmo.

2.5.3.3. Entrevistado XA:

Eu acho que o ato que eu mais tive dificuldade de pensar o que falar foi esse, foi esse último, justamente porque quando tu fala sobre conclusão é assim. Não me entenda mal, eu entendo quando tu fala sobre conclusão, mas a sensação que dá é que realmente não acabou, porque ficou em mim ainda um tanto daquela ideia do PIBID, daquela animação.

(...)

Justamente fica essa sensação de “não conclusão” e coloque aí um aspas entre essa não conclusão, justamente porque toda vez que eu sinto dificuldade em algum aspecto, alguma coisa me desafia, eu consigo retornar para esse momento do PIBID e pensar o que a gente poderia fazer como grupo se fosse essa situação, que pessoas eu poderia recorrer nessa situação e isso é muito bom. O PIBID trouxe pra mim muitos momentos e bons frutos.

Estar na escola é sempre uma aventura, é sempre uma nova história. E não é como se o PIBID tivesse me preparado para todas essas novas histórias, para todos esses desafios, mas mesmo assim, a sensação que dá é que eu tive uma base muito boa e muito forte para lidar com muitas das situações. (...), mas tem um aspecto de todos esses que são muito importantes, mas tem um deles que me pega muito, que é que com o PIBID eu consegui visualizar como uma escola pode ser. Eu não estou dizendo que o projeto foi completamente perfeito, que não tivemos discussões, que sempre aconteceu realmente tudo como a gente esperava. Qualquer pessoa que sabe minimamente sobre a área da educação entende que os planejamentos eles não são sempre cumpridos. Mas uma das coisas que me deixa

muito, muito feliz nesse projeto, é que ele me mostrou o potencial que uma escola pode ter. (...) o PIBID me apresentou o moranguinho, me apresentou a coisa boa, assim.

3. O CAMINHANTE - CONCLUSÕES FINAIS

Fechamos então as narrativas de cada herói e conhecemos mais a fundo um pouco de cada jornada, suas dificuldades e sensações durante todo esse trajeto. Percebemos então que cada um teve uma história e uma forma de se envolver com as situações do dia a dia extremamente únicas. Cada experiência, cada queda, permitiu com que todos nós nos fortalecemos de formas extremamente particulares e o conjunto de todas essas quedas formou a nossa edição do PIBID Biologia 2018/2019.

Conseguimos visualizar então que o projeto cumpre seu papel como estrutura não só formadora, mas também reflexiva da formação de professores, permitindo que os bolsistas possam desenvolver, antecipadamente ao estágio em docência, as mais diversas habilidades de exercício da profissão, já que a docência, diferente de outras áreas com viés científico, não costuma apresentar uma unicidade na forma de repassar o conhecimento, permitindo um maior desenvolvimento por meio da conversa com a realidade social em que o estudante se encontra inserido (PIMENTA; 2012).

Algo interessante que podemos presenciar nas histórias são os arcos de personagem que cada um teve. Acredito que dentre todas as possibilidades, boa parte dos arcos se mostraram estáticos e/ou positivos, já que as visões de nossos heróis sobre o programa e à docência não sofreram alteração ou foram reafirmadas de forma positiva. Um de nossos entrevistados, desde o início desejava ser professor e se apoiou no programa para realizar esse sonho. Sua saída do mundo comum se deu através desse desejo que o mundo desconhecido, mesmo com as dificuldades, só reafirmou. Sua mentora teve um papel fundamental na manutenção dessa vontade, lhe dando a liberdade e fomentando os desafios que a tornaram o que ela é hoje e essa é uma das ideias que compõe o seu arco estático, esse amadurecimento pessoal enquanto vem transformando o mundo ao seu redor.

Contudo, 2 de nossos heróis, ao meu ver, tiveram um arco tendencioso ao positivo, onde tiveram suas crenças confrontadas e viram que o mundo na verdade

funciona de uma forma diferente e muito mais gentil do que imaginavam, descobriram, dentro da docência, um caminho que gostariam de seguir e tiveram acesso a essas ferramentas para se desenvolver e progredir. Conseguiram iniciar a transformação do mundo ao seu redor, mas acima de tudo, se transformaram como indivíduos e amadureceram ao ponto de estarem aptos a se tornarem novos mentores em um futuro não tão distante, isto é, não só iniciaram, mas conseguiram visualizar o processo de formação da identidade do mentor quanto professor, conseguindo desenvolver então as ferramentas para desenvolver sua própria identidade (PIMENTA; 2012).

O último caso, entretanto, é um pouco dúbio. É possível enxergar muito mais nele um arco negativo de queda, já que houve diversas oportunidades de sua crença ser alterada e ele apresenta total ciência disso, mas ainda preferiu se manter com a sua visão sobre a verdade intacta. Alterações ocorreram, um enorme amadurecimento como pessoa também, mas se negar a crer no que muitos outros mostraram como possível e viável é um certo problema. Poderíamos também, dependendo da forma que observarmos esse herói, ser levados a crer que na verdade seu arco se manteve estático, já que ele amadureceu, mas optou por não alterar sua crença inicial, ainda que tenha tido diversas oportunidades de fazê-la e sua visão geral sobre o mundo não entrou em um processo de queda e sim apenas de negação a um novo chamado que poderia tornar a ocorrer no futuro, tanto como agora um mentor, tanto quanto se mantendo no papel de herói.

No fim, ao compartilharem suas histórias, todos os entrevistados em algum momento afirmaram que sua passagem pelo PIBID foi extremamente positiva e os auxiliou a (re)definir visões que tinham sobre o processo de docência e a forma de construir um educador nas mais diversas frentes educacionais, como também visto por Moryama, Passos e Arruda (2013). O Programa se mostrou e não apenas neste trabalho, como uma poderosa ferramenta na formação de melhores e mais conscientes educadores, fazendo que com eles se sintam mais capacitados e aptos a gerirem, no futuro, salas de aula e consigam transferir e ensinar os conteúdos de formas mais atenciosas e gentis aos seus estudantes. Muitos podem ter sido os processos que permitiram com que isso ocorresse de tal forma, mas um ponto sempre citado em comum por todos os entrevistados foi a presença das supervisoras nesta confecção e resolução dos desafios de suas jornadas individuais e como indivíduos coletivos.

Aqui você pode ter acesso ao local, em nuvem, em que está depositado nosso acervo de entrevistas com os bolsistas do PIBID que participaram da pesquisa e entrevistas de meu TCC: <https://on.soundcloud.com/nhwVa>

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Programa de bolsas seleciona projetos para 8,9 mil alunos.** 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/225-sistemas-1375504326/16504-programa-de-bolsas-seleciona-projetos-para-89-mil-alunos>. Acesso em: 26 set. 2023.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Pensamento, 1989. 198 p.

CAPES. **Bolsistas de Brasília contam experiência com o Pibid.** 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/bolsistas-de-brasilia-contam-experiencia-com-o-pibid>. Acesso em: 06 dez. 2022.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia.** São Paulo: Ubu, 2021. 224 p.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 11, 25 jul. 2012. Departamento de Educacao da Universidade Estadual Paulista – UNESP. <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580x.vol5.n1.p11-26>.

MORYAMA, Nayara; PASSOS, Marinez Meneghello; ARRUDA, Sergio de Mello. Aprendizagem da Docência no PIBID-Biologia. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 191-210, 10 out. 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**, São Paulo, v. 8, p. 15-34, 2012.

ROLE-PLAYING GAME. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Role-playing_game&oldid=66032460>. Acesso em: 10 jun. 2023.

WEILAND, K. M. **Creating Character Arcs: the masterful author's guide to uniting story structure.** 7. ed. Reino Unido: Penforasword, 2016. 282 p.